



**UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR**  
Covilhã | Portugal

# **Relatório de Estágio**

## **O papel da literatura juvenil no contexto de sala de aula: novas abordagens pedagógicas**

**Ana Lúcia da Mota Mendes**

**Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em  
Ensino de Português no 3º Ciclo do Ensino Básico  
e Secundário e de Espanhol nos Ensinos Básico e Secundário  
(2º Ciclo de Estudos)**

**Orientadora:**

**Prof. Doutora Maria da Graça Guilherme de Almeida Sardinha**

**Covilhã, junho de 2014**

## Agradecimentos

À Professora Doutora Maria da Graça Sardinha, minha orientadora, pela amizade demonstrada durante a realização deste relatório, evidenciada através da confiança depositada, pelos conselhos e pronta disponibilidade.

À minha orientadora do Estágio de Espanhol, Dra. Marta Fidalgo, pelo profissionalismo, pela disponibilidade, pelos conselhos e pela sua amizade.

Ao supervisor de Estágio, Professor Doutor Francisco José Fidalgo Enríquez, pela partilha de conhecimentos.

Ao meu marido, pela paciência, pelo apoio diário e incondicional, por estar sempre lá.

Às minhas filhas, pelos sorrisos que me deram força para continuar.

Aos meus pais, pelo apoio, pela disponibilidade, por estarem sempre presentes.

À minha colega de estágio, por ter sido uma grande companheira nesta aventura.

# Índice

Introdução	1
Capítulo I	6
1. A leitura e a literacia	7
2. O bom leitor vs O mau leitor	10
3. Os inimigos do livro	11
4. O Plano Nacional de Leitura: suas implicações	13
5. A promoção da leitura na escola: uma palestra	16
6. Estratégias de motivação para a leitura	21
7. O papel da literatura juvenil	24
Capítulo II	27
1. <i>O Cavaleiro da Dinamarca</i> - Introdução	28
1.1. Sinopse	31
1.2. Novas abordagens pedagógicas	33
Capítulo III	46
1. Estágio Pedagógico de Espanhol	47
1.1. A escola / As atividades	47
1.2. As turmas	50
1.3. Aulas assistidas e reflexão individual	51
1.4 Reflexão global sobre o estágio	82
Considerações finais	84
Bibliografia / Webgrafia	87
Anexos	91

## Índice de Siglas e Acrónimos

PNL	Plano Nacional de Leitura
PISA	Programme for International Student Assessment
QECR	<i>Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas</i>
OCDE	Organização para o Desenvolvimento e Cooperação Económico

**“(...) el que lee mucho y anda mucho,  
ve mucho y sabe mucho.”**

Miguel de Cervantes Saavedra,  
*El ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha*  
(Saavedra, 1605: 100)

## **Introdução**

No livro *O Engenhoso Cavaleiro D. Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes de 2011<sup>1</sup>, um dos personagens afirma que nenhum livro, por mais ruim que seja, não deixa de ter algo de bom. Por outro lado, segundo Daniel Pennac (1993), “O verbo LER não suporta o imperativo”. Estes serão os motes do presente relatório de estágio, que tem como objetivos primordiais abordar questões relacionadas com a leitura, essa arte cognitiva e misteriosa, desconhecida por tantos, esquecida por muitos e interiorizada por alguns. Na certeza de que a leitura forma cidadãos capazes de ler o mundo numa perspetiva multicultural, propomos, por conseguinte, apresentar uma reflexão sobre a importância da leitura da literatura juvenil em contexto pedagógico, particularmente ao nível do ensino do Português, trazendo novas formas de abordar *O Cavaleiro da Dinamarca*, de Sophia de Mello Breyner Andresen.

*Ensinar a ler é formar a criança na técnica de voo, revelar-lhe este prazer e permitir que o mantenha. (Moraes, José, 1997: 272)*

O tratamento privilegiado da leitura na sala de aula é justificado nesta afirmação. Deste modo, as aulas de Português adquirem uma maior importância, sendo elas o palco máximo da leitura nas nossas escolas. A população estudantil tende a rejeitar a leitura, mostrando simplesmente que não gosta de ler, sendo que a maioria é analfabeta funcional, ou seja, apresenta grandes dificuldades de interpretação de um texto. A leitura é, então, considerada a competência nuclear da disciplina de Língua Portuguesa, devendo ser vista como a pedra angular da vida, tanto escolar como pessoal ou profissional, de qualquer jovem que se queira ver projetado futuramente na vida em sociedade.

Enquanto a escrita é o meio privilegiado de transmissão de informação, a leitura é o meio de excelência de aquisição de informação, sendo imprescindível em todas as áreas do saber. Todavia, continuam a ser poucos os alunos que afirmam gostar de ler, o que irá condicionar a sua formação, através do prazer da descoberta de si, e do mundo que a leitura pode proporcionar<sup>2</sup>.

A rejeição da leitura, e os hábitos a esta associados, por parte dos jovens poderá revelar que estes nunca terão sido de facto iniciados nela, pois caso o tivessem sido, rapidamente descobririam o prazer adveniente do ato de ler. Talvez ler tenha deixado de ser (ou talvez nunca tenha sido) uma aventura do imaginário, passando a significar apenas uma forma de alcançar sucesso escolar, uma mera obrigação, uma demonstração de conhecimento. Cúmplices desta visão pragmática e redutora da leitura, pais e professores

---

<sup>1</sup> Saavedra, Miguel de Cervantes, *Dom Quixote de La Mancha - Segunda Parte*, 1615/2005 (in <http://livros.universia.com.br/2012/06/05/baixe-gratis-o-livro-dom-quixote-volume-ii/>).

<sup>2</sup> De facto, basta refletirmos sobre os PISA (Programme for International Student Assessment), lançado pela OCDE (Organização para o Desenvolvimento e Cooperação Económico), que nos colocaram em lugares pouco confortáveis comparativamente aos outros países que faziam parte do projeto para, enquanto profissionais de ensino, nos interrogarmos sobre a pouca capacidade de ler dos nossos alunos.

não devem alhear-se de qualquer responsabilidade. Então, será correto, tendo em conta a ausência de tradições de leitura na nossa juventude, camuflar o prazer de ler, secundarizando-o em prol de um número infundável de regras interpretativas e repetitivas? Não serão os pais e o corpo docente os responsáveis pela morte do embrião da leitura, exigindo do filho/aluno uma mera caminhada orientada por caminhos interpretativos já delimitados, asfixiando qualquer leitura livre e apaixonada?

A realidade é que o contacto dos jovens de hoje com a literatura encontra-se quase que unicamente circunscrito à escola, não se verificando o hábito da leitura na maioria das famílias portuguesas<sup>3</sup>, hábito também contrariado pela crescente importância dada aos computadores e ao seu lado lúdico. Tendo consciência do papel das novas tecnologias na vida dos nossos jovens, podemos cada vez mais utilizá-las no contexto de sala de aula, precisamente para chamar a atenção deste público tão sedento de coisas novas e diferentes. Ora, a escola, enquanto palco do ensino formal, tem de saber encontrar meios de equilibrar certas tendências, sendo que a interação entre a escola e as famílias é, hoje, fundamental.

De facto, a escola adquire uma importância primordial no que aos hábitos de leitura diz respeito, devendo ter a capacidade de transportar, metaforicamente, os jovens na grande aventura da literatura, o que lhes permitirá crescer com uma consciência da realidade diferente daquela em que vivem, muito mais abrangente, por vezes real, por vezes imaginária, mas é também na capacidade de sonhar que reside a nossa felicidade e o nosso crescimento. É a leitura que propicia a criatividade, enriquece o imaginário, e acaba por ter também um papel de mediadora entre cada ser humano, o que permite uma comunicação mais consciente e fluente entre todos. Por todos estes motivos, em Portugal foi criado o Plano Nacional de Leitura, cujos objetivos e resultados serão analisados neste relatório.

Richard Bamberger, autor de *Como incentivar o hábito da Leitura* (1988), refere-se à importância de habituar a criança às palavras, pois acredita que se conseguirmos fazer com que elas tenham experiências positivas com a linguagem, estaremos a contribuir para o seu desenvolvimento como seres humanos, capazes de interagirem na sociedade a que pertencem. Daqui podemos compreender a importância de cedo apresentarmos textos literários às nossas crianças, quer em casa, quer na escola, para que possam estar preparadas para trabalhar o texto literário na sua plenitude, sem qualquer esforço, sem sentido de obrigação, tendo a literatura juvenil o papel de continuar e desenvolver o trabalho já feito com a literatura infantil, com o objetivo de olhar este tipo de leitura como um processo de desenvolvimento de leitores críticos, contrariando a passividade.

---

<sup>3</sup> A esse propósito, ver o estudo intitulado *A Leitura em Portugal*, do Plano Nacional de Leitura, coordenado por Maria de Lourdes dos Santos (in [http://www.oac.pt/pdfs/OAC\\_A%20Leitura%20em%20Portugal.pdf](http://www.oac.pt/pdfs/OAC_A%20Leitura%20em%20Portugal.pdf))



E serve apenas a apresentação aos nossos alunos da literatura juvenil para criar hábitos de leitura? Não, o objetivo essencial deveria ser a aquisição do gosto pela leitura, bem como permitir aos nossos alunos contactar com aspetos culturais, sociais e linguísticos, abrindo os seus horizontes, a sua perspetiva sobre o mundo que os rodeia, o que justifica a integração de obras integrais nos programas de ensino escolares, tanto nas aulas de língua portuguesa, como nas aulas de língua estrangeira.

Segundo Laura Góes, no seu *Livro de leitura - Aprender brincando* (1990), a leitura é o pleno contacto com o mundo que a rodeia e que nele interage, não sendo apenas evasão ou compensação. É um modo de representação do mundo real, porque, através de um "fingimento", o leitor reage, reavalia, experimenta as próprias emoções e reações. Assim se compreende que a leitura desempenhe um papel muito importante na vida de todos, desde crianças, pela motivação e sugestões que transmitem e pelos recursos que oferece ao desenvolvimento de cada sujeito.

A leitura permite, ainda assim, que o sujeito tenha um contacto mais profícuo, quer com a sua língua materna, quer com as línguas estrangeiras. No caso do ensino do espanhol, a literatura permite, para além de muitas outras valências, contactar diretamente com as formas de viver e de falar de um povo. Curiosamente, um número significativo de mal-entendidos na comunicação entre interlocutores de línguas diferentes ocorre frequentemente entre pessoas de culturas geograficamente próximas, parecendo que ignoramos a existência de diferenças nos contextos culturais mais próximos. Espanha está geograficamente próxima de Portugal, no entanto, é significativamente diferente a nível sociocultural. Este facto leva à crescente necessidade de reflexão sobre a importância da cultura no ensino de qualquer língua estrangeira, pois ao aprendê-la, o aluno não só deverá contactar com conteúdos linguísticos, como também com conteúdos socioculturais, através da leitura de textos autênticos, o que lhe permitirá compreender melhor a sociedade e a cultura respeitantes à língua que está a aprender.

Como tal, o presente relatório propõe, numa fase inicial, analisar o que é a leitura, o que a caracteriza, quais as consequências da sua ausência/presença na vida do jovem que se prepara para entrar na engrenagem social, qual a influência das novas tecnologias no processo de integração da leitura nos hábitos dos alunos, bem como refletir sobre diferentes formas de motivar para a leitura, como renovar e promover o interesse pelo livro, como demonstrar aos alunos a necessidade imperiosa de ler e como fazer nascer dessa, uma outra necessidade: a de contar o que leu como quem viu (Gama, 1980).

Por outro lado, é nosso entendimento que, no âmbito do ensino do Português e do Espanhol, devem ser selecionados textos que permitam o enriquecimento entre culturas, e, embora, salvaguardando especificidades e particularidades de cada uma delas, acreditamos que podem promover a aceitação das diferenças, desenvolvendo-se em simultâneo a competência

sociocultural. Assim sendo, o objetivo deste relatório é também, numa segunda fase, apresentar novas abordagens pedagógicas da leitura extensiva de *O Cavaleiro da Dinamarca*, e, numa fase final, apresentar as atividades realizadas durante o estágio em ensino de Espanhol realizado no Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova, que permitirão uma reflexão sobre diferentes realidades onde a língua e a cultura se interligam entre dinâmicas dialogantes, formando verdadeiros cidadãos.

Concluindo, o professor e a escola devem promover a leitura, trabalhando-a para o crescimento do pensamento crítico, para o raciocínio, ao mesmo tempo que propicia momentos de prazer e de novas descobertas, e, consequentemente, de mais conhecimentos, enriquecendo o vocabulário, favorecendo o aperfeiçoamento da grafia e da dicção, sem esquecer que a leitura será sempre uma mais-valia para as pesquisas escolares, mas também para a vida social.

## Capítulo I

## 1. A leitura e a literacia

*Fala-se às vezes de 'inspiração' a propósito de quem escreve uma obra. Mas nunca se diz isso de quem a lê. Mas lê-la é escrevê-la outra vez. E é preciso estar-se inspirado para o conseguir bem. A inspiração possível de quem escreve um livro cumpre-se nele sem mais para o autor. Mas a de quem o reescreve, ou seja lê, é sempre variável. Ela varia não só com o desgaste da repetição da leitura, mas ainda com a variação dessa variação e o motivo dela. (...) Um livro que se escreveu é imutável. O mesmo livro que se lê não o é. A inspiração de quem escreveu deu o que tinha a dar. A de quem o recebe varia e não se esgota. Porque se se esgotar, o livro não tinha nenhuma. (Ferreira, Virgílio, 2001: 156)*

Apenas os nossos olhos e a nossa mão se movem ao virar a página quando lemos. Mas ler não se restringe ao olhar. Durante todo o processo de leitura, algo acontece que ultrapassa a visão e o próprio texto, algo avança dentro e fora dos nossos limites psicomotores, impulsionado por uma qualquer alquimia produtora de entendimento e conhecimento. Mais que uma capacidade multissensorial, ler é um processo cognitivo através do qual reconhecemos as palavras escritas e construímos sentidos. Do ponto de vista pedagógico, ler transforma-se num processo interativo que se desenrola entre textos, leitores e autores.

Sebastião da Gama (1980: 62) dizia que ler é ir "despindo cada palavra, cada frase, auscultando cada entoação de voz para perceber até ao fundo a beleza e o tamanho do que se lê.". Assim se conclui que ler não se restringe apenas a uma descoberta do conjunto de conexões existentes entre a escrita e os sons. Trata-se de uma atividade que exige esforço, tempo, dedicação e disponibilidade por parte de quem lê. Prática complexa e multifacetada, a leitura distrai e dá prazer, forma o indivíduo intelectualmente, desenvolve a imaginação, favorece a autonomia e a capacidade crítica, bem como o nível de oralidade do leitor. Produto de uma sociedade culta e letrada, o ato de ler é também um espaço dedicado por excelência à experiência individual: ler inicia o leitor, apresenta-o a si mesmo e ao mundo, e introduz momentos de inesquecível descoberta interior.

No entanto, nem sempre é fácil criar leitores, sendo vários os obstáculos que os jovens de hoje têm de ultrapassar para se tornarem bons leitores, pois a sociedade em que vivemos pode orientar estes jovens para outros caminhos, talvez mais fáceis, talvez menos exigentes, provavelmente menos enriquecedores e pedagógicos.

*No mundo globalizado, onde as novas tecnologias estão cada vez mais omnipresentes, muitos jovens alunos questionam-nos - ler literatura, para quê? Se os levarmos a olhar o real, rapidamente constata-se que a literatura em geral, e a literatura infantil em particular, nos enredam de forma subtil, apelando a*

*que decodifiquemos os seus símbolos, muitas vezes velados, desocultação absolutamente necessária, para que a leitura de mundo seja feita em todas as suas múltiplas aceções. (Balça, 2011: 19)*

As constantes mudanças e imprevisibilidade da nossa sociedade, promovidas, em grande medida, pela utilização intensiva das novas tecnologias, exigem que todos nós tenhamos uma apurada capacidade crítica, grande criatividade e, sobretudo, capacidade de adaptação ao novo e ao inesperado. Tendo tudo isto em mente, é de extrema importância desenvolver uma sociedade de conhecimento, indo ao encontro das necessidades de um mundo globalizado, no qual a educação é essencial, seja ela formal ou não.

A educação assume um papel primordial na aquisição de conhecimentos, bem como na criação e desenvolvimento do espírito crítico. Como suporte fundamental para o desenrolar deste processo aparece a leitura que constantemente retrata a realidade. Quem apresenta gosto e aptidão para a leitura, sabe mais e pode mais, e para a compreensão da realidade envolvente, a leitura deverá ser reflexiva e não mecânica, uma vez que apenas desta forma o aluno adquire a capacidade de compreender a realidade que o rodeia, permitindo-lhe ampliar conhecimentos, desenvolver o seu desempenho cognitivo e aplicar conhecimento já adquiridos a novas situações. Ou seja, a palavra lida deverá ter significado para quem a lê, o leitor deverá tentar descobrir a mensagem que o autor queria transmitir, o sentido que o autor queria dar à sua narrativa, aprendendo novos conceitos, ao mesmo tempo que compara as suas experiências com aquelas retratadas no texto que acabou de ler.

O livro tem, sem dúvida, um papel de relevo na transmissão cultural. Karl Popper (1992: 101) afirmou que “o livro é o bem cultural mais importante da Europa e talvez da humanidade”, daí a necessidade premente de inserir a leitura no sistema educativo, uma inserção cuidada, pensada para desenvolver o olhar crítico sobre a realidade apresentada. Existe uma crescente consciência de que a aquisição de conhecimentos é mais eficaz quando se analisa criticamente o que se lê.

Deste modo, o processo de ensino-aprendizagem é mais eficaz quando a leitura está presente, sem esquecer que esta deve ser crítica. Por outro lado, ler permite ao leitor criar imagens na sua mente, estimulando a imaginação, muito mais do que um filme, que acaba por não permitir que a imaginação “viaje” pois encontramo-nos presos a tudo o que nos é apresentado.

Por outro lado, devidamente estimulada, qualquer pessoa poderá considerar o momento da leitura como um momento de prazer, de entretenimento, através do qual se informa e aprende ao mesmo tempo que se diverte.

Em primeiro lugar, cabe à família apresentar a leitura / literatura às crianças, despertando desde cedo o gosto pela leitura. Os pais ou outros familiares poderão ler livros às crianças,

adequados à sua idade, assumindo o papel de contadores de histórias, de modo a que a criança vá associando o som das palavras ao seu significado, para o qual poderão ajudar os gestos e a teatralização. A atitude da família na primeira infância é fundamental na criação do gosto pela leitura, no entanto, numa fase posterior, na escola, cabe aos professores continuar a estimular a leitura, criando a necessidade de ler.

*A leitura constitui um processo cognitivo complexo, que requer esforço e aprendizagem. Sendo uma atividade cultural de extração e construção de significados a partir de um texto, ela envolve o exercício de raciocínios complexos e será tanto mais facilitada quanto, por um lado, esteja garantida a automatização dos processos de decifração dos sinais gráficos (a qual inclui, entre outros, aspetos físico-cognitivos como a velocidade de processamento visual da informação), e, por outro, haja uma motivação forte para o seu exercício. (Azevedo, 2011: 2)*

A leitura é considerada meio fundamental para desenvolver as capacidades cognitivas de todo e qualquer indivíduo, desde tenra idade, em todos os níveis educacionais, sendo decisiva para o sucesso escolar. Desta forma, os professores devem estimular a imaginação e a curiosidade, através, respetivamente, do conto e da questionação de problemáticas relativas a temas que despertem o interesse dos alunos.

Neste momento, será importante ir além do conceito de leitura e refletir sobre a literacia. Mas o que é a literacia? Esta pode ser definida como a capacidade de compreender e usar informação escrita com o objetivo de desenvolver os seus próprios conhecimentos e potencialidades, de modo a estarmos munidos das ferramentas necessárias para poder participar ativamente na sociedade. Esta é, portanto, uma prática social e cultural, que não se adquire de forma espontânea mas sim através de uma planificação consciente de atividades sistemáticas, num processo de controlo constante, sendo importante aceitar a inovação e a criatividade.

A escola assume realmente o papel de fomentadora de uma cultura da leitura e a estimulação da leitura reflexiva na escola pode levar a um crescente hábito de leitura no seio familiar da criança. Uma saudável e regular interação familiar pode levar a um “contágio”: se a criança se encontrar motivada para a leitura, este entusiasmo é partilhado com a família e os familiares poderão sentir-se motivados a ler também. Desta forma, a participação dos familiares na vida social pode tornar-se mais esclarecida, mais consciente.

O governo português teve consciência da importância do exercício de ler ao criar o Plano Nacional de Leitura (PNL), cuja finalidade seria integrar a leitura no quotidiano dos alunos e das suas famílias, promovendo a leitura como hábito.

## 2. O bom leitor vs o mau leitor

*Falar de leitura implica, necessariamente, um “projeto de vida”, tendo a escola um papel fundamental na sua concretização, já que pode - e deve - “desempenhar um papel social e cívico capaz de formar cidadãos autónomos e interventivos”<sup>4</sup>. Porém, facilmente verificamos que os alunos não só não leem, como frequentemente não gostam de ler e isso pode ser resultado do facto de não saberem “ler”, ou seja, de não conseguirem compreender claramente o que leem. (Amado, 2013: 35)*

Os melhores leitores são aqueles que melhor escrevem. Pelo contrário, o mau leitor aprende a ler mas rapidamente se desinteressa pela leitura, perpetuando-se como analfabeto funcional, como iliterado (pois não adquiriu a literacia). Ou seja, o mau leitor é aquele que não possui hábitos regulares de leitura e que não se sente minimamente motivado para ler, não só na escola mas também em casa.

Convém, portanto, perguntarmo-nos como é que um aluno se transforma num mau leitor. Em primeiro lugar, quaisquer deficiências nas capacidades relacionadas com a linguagem (dificuldades fonológicas, como a dislexia) poderão contribuir para que o aluno enfrente dificuldades acrescidas. Mas os fatores biológicos e ambientais têm um peso considerável: o desconhecimento da língua em que se aprende a ler devido ao ensino medíocre a que foi submetido na sua escola; o facto de a leitura não ser considerada um valor importante no meio em que se insere; o facto de os pais serem leitores deficientes (com défice na descodificação fonológica e sem hábitos regulares de leitura); o facto de ler sem regularidade (o exercício da leitura tem um efeito poderoso na capacidade de leitura: aqueles que leem pouco arriscam-se a serem cada vez mais leitores medíocres); o facto de estar numa escola frequentada na maioria por outros jovens com maus desempenhos cognitivos.

Na escola, os alunos não leem: acham os textos difíceis e «chatos», em nada relacionados com a sua realidade. Muitos professores não insistem em certas leituras, argumentando que os alunos não estão preparados para “deglutir” convenientemente o texto. Sublinhando em demasia a oralidade, muitos docentes secundarizam o processo de leitura, lecionando através de aulas expositivas, demonstrativas, recitativas. Os alunos são levados a dar mais relevo aos textos orais/escritos do professor, como resumos e sumários do professor, seguindo rigorosamente a linha de raciocínio do professor, em detrimento dos textos oficiais que deveriam ser lidos na íntegra. Mesmo quando os textos de bibliografia são lidos, acabam por ser perspetivados como secundários ou suplementares, o que contribui para uma crescente desmotivação leitora.

---

<sup>4</sup> Citação de SARDINHA, Maria da Graça, “Literacia em leitura - identidade e construção da cidadania” (in <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/510/pdf>)

### 3. Os inimigos do livro

Muitas vezes se ouve falar da desvalorização do código escrito e da morte do livro. Numa época cheia de novas tecnologias, ler sem recorrer a um livro é cada vez mais trivial, no entanto, nunca como hoje se produziu uma quantidade de livros tão elevada. De todos os lados surgem inundações de informação: a televisão quer educar, oferece cultura, jogos de futebol, novelas e «Big Brothers». Contudo, a televisão aumenta o nosso conhecimento mas "destrói a nossa sabedoria" (Mastrocola, 2001: 67). Utilizamos computadores e já não precisamos de livros (ou mesmo escolas, dirão os mais progressistas). Fazemos o *download* de um vídeo e deixamos de ter que ler aquela obra de leitura integral. Vemos televisão e deixamos de ler porque não há tempo. Abandonando a cabeça, acabamos por nos anunciarmos vítimas deste lento processo de destruição da leitura. Prevemos a morte do livro, declaramos culpado o "monstro" tecnológico e damos por encerrada a sessão no tribunal.

Serão estes os verdadeiros inimigos do livro? Quais os verdadeiros limites do progresso técnico? Em pleno século XXI, a vida fora das paredes da escola está repleta de formas comunicacionais digitais, e completamente afastadas do tradicional. Logo, a escola não pode virar as costas às necessidades da sociedade que serve. Não se trata de adaptar a educação às tecnologias mas sim de adaptar as tecnologias à educação. Como afirma Maria de Lourdes Alarcão (1995: 56), "...há que trabalhar com ela (escola paralela<sup>5</sup>) de mãos dadas e não de costas voltadas". Se as novas tecnologias não devem ser perspectivadas como adversárias da leitura dita tradicional, estas também não podem ser vistas como a salvação da educação: "o que está errado com a educação não pode ser reparado com a tecnologia" (Alarcão, 1995: 56).

Apesar de vivermos numa época em que a aprendizagem adquirida nas escolas representa uma parcela cada vez menor da aprendizagem que se adquire, as escolas são precisas mais do que nunca. Precisamos de escolas que se aproximem dos alunos contrariando a frieza das novas tecnologias, de escolas que mostrem a importância do calor humano, de escolas que permitam o acesso à Internet mas também a livros, ao seu cheiro característico, à textura das folhas, ao volume e ao peso, à obra-de-arte em si.

O professor e o livro são ainda o núcleo de uma escola que urge ser reinventada, de forma a entregar aos seus alunos as ferramentas necessárias para saber viver num mundo de diversidade, oferecer os saberes de base para uma autonomia de sucesso.

Então, quais serão os verdadeiros inimigos da leitura e do livro? Serão eles os professores desinteressados ou desmotivados, responsáveis pela existência de analfabetos funcionais, ou

---

<sup>5</sup> Escola paralela: os computadores, a rádio, a televisão, vídeos, cinema, entre outros meios de comunicação.



serão as famílias que menos valorizam a leitura? Também poderão ser as sociedades consumistas que encarecem desmedidamente os livros. Ou até mesmo todos os que negligenciam a leitura como prazer a favor de uma leitura presa à obrigatoriedade. Por seu lado, será que as bibliotecas desconfortáveis e frias, cujas regras atribuem um limite de tempo à leitura, têm uma quota de responsabilidade? Ou serão as faltas de apoio, não só às bibliotecas, mas também a teatros, concertos, artes plásticas, exposições científicas? A responsabilidade também pode ser nossa ao decidirmos transformar os nossos hábitos de leitura em “hábitos de mesinha de cabeceira”. Na verdade, o livro não deveria ser lido apenas quando o leitor está esgotado depois de um dia de trabalho. Desta forma, inevitavelmente o livro irá causar sonolência, sendo por isso encarado como um soporífero, um soporífero para quem tem a vista cansada de ver e viver. Em vez de descansá-la a ler, usam os livros como objeto hipnótico, saltando linhas, piscando os olhos de cansaço, mas aliviados por terem tido a coragem de ler, esforço descomunal, antes de adormecer...

## **4. O Plano Nacional de Leitura: suas implicações**

*O Plano Nacional de Leitura, implementado a partir de 2006, é uma iniciativa de política pública que tem como objetivo central elevar os níveis de literacia da população portuguesa. Concretiza-se num conjunto de medidas destinadas a promover o desenvolvimento de competências e hábitos de leitura especialmente entre as crianças e jovens em idade escolar, mas também nas famílias, comunidades locais e população em geral. (Costa et al., 2011: 17)*

O Plano Nacional de Leitura (PNL) surgiu do desejo de elevar os níveis de literacia dos portugueses, no âmbito do desenvolvimento global do país. A leitura começou a ser encarada como um bem essencial e, em 2006, foi considerada uma prioridade política.

Uma das grandes apostas do PNL está relacionada com o envolvimento, para além da escola, dos pais e encarregados de educação, bem como de instituições municipais. Estas têm o papel de desenvolver atividades de promoção da leitura para as diferentes faixas etárias e diferentes níveis de ensino.

A sociedade está em constante mutação, muito influenciada pela forma como comunicamos, como recebemos informação, tratando-se da sociedade do conhecimento. Este tipo de sociedade é um desafio e a literacia tem um lugar de relevo.

Quando comparado com outros países, vários estudos internacionais verificaram o quanto Portugal estava longe de ter uma taxa de literacia adequada aos seus objetivos políticos, económicos e sociais. Numa sociedade da informação e do conhecimento, seria importante ter uma elevada taxa de literacia em todos os segmentos da sociedade, tendo surgido, então, o PNL.

Em junho de 2011, o Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, juntamente com o Instituto Universitário de Lisboa, realizaram uma avaliação externa à primeira fase da aplicação do PNL, de modo a verificar o desenvolvimento dos hábitos de leitura, bem como o seu impacto na educação e na sociedade.

Numa primeira fase, a qual durou 5 anos, o PNL pretendia essencialmente incentivar e suportar projetos de leitura nas escolas, apostando, assim, nos mais jovens, por se tratar de idades decisivas para o desenvolvimento do hábito e gosto pela leitura. No entanto, apesar de não ser esse o foco principal numa primeira fase, tentou também promover a leitura na sociedade em geral.

Como nos encontramos na era das novas tecnologias, foi criado um sítio na Internet dedicado a promover e a transmitir informação sobre o PNL, com o objetivo de divulgar todas as atividades organizadas para promoção do Plano, bem como oferecer ferramentas de apoio a todos os intervenientes no projeto, em especial as escolas e as famílias, onde se destacam várias listas de todas as obras recomendadas, organizadas por nível de ensino e grau de dificuldade, para leitura orientada ou para leitura autónoma.

O PNL pretende promover a leitura entre o público escolar, e a leitura orientada em sala de aula é considerada a atividade contínua mais importante, sendo este também o aspeto mais relevante para o presente relatório.

Com a leitura orientada em sala de aula, pretendia-se que os alunos tivessem a oportunidade de contactar com livros recomendados, organizados por nível e ensino, durante um determinado período de tempo letivo, e com esse objetivo foi criado um conjunto de orientações de leitura.

Outros projetos, no entanto, foram promovidos pelo PNL, como o projeto *LeR+*, cujo objetivo seria desenvolver uma cultura integrada de leitura nas escolas, numa parceria entre a Rede de Bibliotecas Escolares e a Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas e conta ainda com o apoio da Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação e da Fundação Calouste Gulbenkian. Este projeto pretende fomentar o desenvolvimento das boas práticas de leitura, tentando colocar o prazer de ler no centro do projeto educativo da escola, de modo a que a leitura obtenha o máximo de visibilidade, com o envolvimento da comunidade educativa e local, trabalhando em conjunto com as famílias.

Verifica-se na *Avaliação Externa do PNL* (Costa *et al.*, 2011), que este trouxe uma mudança significativa na forma como os pais e encarregados de educação encaram a leitura. São tantas as atividades promotoras da leitura, tanto nas escolas como noutras instituições, como as unidades de saúde, que as famílias começam realmente a ficar sensibilizados para a leitura. A divulgação destas atividades nos meios de comunicação social também tem um papel importante pois as famílias acabam por se encontrar mais esclarecidas e influenciadas.

Também os projetos pontuais, alguns com caráter anual, assumem uma grande importância para a promoção da leitura, especialmente a Semana da Leitura, iniciativa que também promove a participação das famílias num evento de caráter festivo, que pretende celebrar o prazer de ler e todos os seus benefícios. A Semana da Leitura acaba por ser, do mesmo modo, o momento de a família participar na organização e desenvolvimento de atividades de leitura na escola. Por outro lado, a utilização de recursos eletrónicos diligenciados pelo PNL foi uma mais-valia, nomeadamente a Biblioteca de Livros Digitais, estimulador de novas atividades com os alunos.

Quanto aos resultados da aplicação do PNL, a *Avaliação Externa do PNL* (Costa *et al.*, 2011) indica que estes foram muito positivos, tendo para isso contribuído o apoio do PNL na aquisição de livros, o que facilitou a utilização dos mesmos na sala de aula. As listas de livros recomendados, juntamente com as orientações de leitura disponibilizadas, foram consideradas uma vantagem. A prática de leitura na sala de aula aumentou com a implementação do PNL, fazendo parte da rotina, atividade esta cada vez mais regular e estruturada. Na verdade, os momentos em família que incluem a partilha da leitura são momentos de cumplicidade, de enriquecimento familiar promovido pela própria escola. Desta forma, os familiares mais próximos das crianças acabam por igualmente desenvolver hábitos de leitura e as competências a ela associadas.

O reforço das atividades de leitura nas escolas e fora delas, a inovação nas práticas letivas e o envolvimento de toda a comunidade letiva, defendidos e promovidos pelo PNL, proporcionaram e potenciaram uma evolução positiva nas atitudes e competências dos alunos.

Todas as atividades de sala de aula do PNL que visam promover a leitura propiciam, por parte dos professores, em equipa ou sozinhos, uma reorganização e inovação nas práticas pedagógicas, o que favorece novas abordagens didáticas. Desta forma, do professor espera-se uma maior responsabilização e criatividade.

“Ler é sempre uma viagem. A imaginação faz o caminho.” (Costa *et al.*, 2011: 80): este foi o lema de uma das campanhas de divulgação do PNL e de promoção da leitura em geral, divulgado nos transportes públicos lisboetas. E é esta a ideia que os professores devem ter sempre em mente, para que os seus alunos possam sentir o prazer de viajar através dos livros.

O PNL é um projeto de política pública de amplo alcance, constituído para produzir mudanças positivas nas atitudes perante a leitura, promovendo hábitos regulares de leitura e o desenvolvimento das competências de literacia em toda a sociedade, em especial nas escolas, com o apoio à leitura orientada na sala de aula, no ensino básico e pré-escolar.

Segundo Costa *et al.* (2011), os professores passaram a promover mais atividades de leitura, as bibliotecas têm mais visitas regulares, os alunos leem mais e melhor, os pais e encarregados de educação estão mais atentos à relevância da leitura e a sociedade em geral está muito desperta para a leitura.

## **5. A promoção da leitura na escola: a palestra**

Uma Biblioteca Escolar deve promover o acesso e uso de informação, quer através da leitura de livros e jornais, quer através de textos da Internet, não sendo o mais relevante o suporte em que vai ser lida. Por outro lado, este espaço pode estimular a leitura individual ou atos de leitura em grupo, sendo muito importante a possibilidade de criar espaços de discussão crítica e reflexiva após a leitura.

Para promover a leitura, a escola, mais concretamente as suas bibliotecas, podem, por exemplo, propiciar o contacto dos alunos com autores, convidando-os a fazer apresentações das suas obras ou palestras sobre o seu trabalho; podem organizar dias especiais dedicados, por exemplo, a um livro em particular, à leitura em conjunto (orientados por um professor mas com a intervenção única dos alunos, quer como leitores, quer como atores); promover feiras do livro; preparar um cantinho da leitura; organizar seminários; e muitas outras atividades.

O Dia Internacional do Livro é uma excelente comemoração que pode e deve ser aproveitada pelas escolas e pelas suas bibliotecas para promover a leitura, sendo de extrema importância a escolha dos convidados a visitarem a escola, de modo a que os alunos sintam o chamamento para a leitura, se sintam sensibilizados para desenvolverem os seus hábitos de leitura ou até mesmo a criarem este hábito tão importante ao longo de toda a nossa vida e que acaba por nos definir enquanto pessoas, enquanto membros da sociedade.

No dia 23 de abril de 2014, no âmbito das comemorações do Dia Internacional do Livro, a Escola Secundária Fernando Namora teve a honra de presenciar um perfeito exemplo de como motivar os nossos alunos para a leitura, com uma palestra sobre “A literatura infanto-juvenil e a competência sociocultural”, proferida pela Professora Doutora Maria da Graça Sardinha. Foram várias as ideias transmitidas aos jovens presentes que merecem ser agora expostas, pela sua pertinência, pelas sábias palavras, pelo entusiasmo com que se abordou a leitura e a emoção transmitida por quem ama os livros.

Nas palavras da Professora Doutora Maria da Graça Sardinha, o professor deve ser alguém que acompanha os seus alunos, que os ajuda a encontrar o caminho para a leitura, e a escola é um lugar de excelência para formar leitores, até porque nós não nascemos leitores, fazemo-nos leitores.

É através da leitura que se adquire a competência sociocultural. O nosso país atravessa uma grave crise e para conseguirmos acompanhar o progresso precisamos de ler, pois é da leitura que advém a cultura. Claro que os livros são caros, mas as novas tecnologias e a leitura multimédia são uma possibilidade iminente e que tem vários aspetos positivos. No entanto,

um livro é sempre um livro pois permite um outro tipo de leitura que o computador não permite. Existindo dificuldades económicas que impeçam a aquisição de um livro, as bibliotecas podem substituir essa aquisição pois encontram-se repletas de livros que os jovens podem requisitar e ler.

Os jovens podem avaliar os livros como muito chatos, muito aborrecidos, mas a verdade é que eles são assim considerados porque são mais silenciosos, mais vagarosos, não têm aquela rapidez, aquele volátil do computador, e acaba por permitir outras leituras. Para construirmos a nossa cultura não o fazemos sem tempo, sem vagar, e é o livro que proporciona esse vagar, essa lentidão, esse espaço entre o leitor e o livro que é tão especial.

Nos quartos dos jovens deveria haver sempre um cantinho para lerem, um canto de solidão, tão importante para que a leitura seja profícua. Um livro requer um espaço próprio para proporcionar ao leitor apropriação, de modo a que o livro nos transmita todo o seu encanto, nos atraia com o seu cheiro, uma relação que não se constrói de um dia para o outro.

Há investigadores que dizem que as nossas crianças são hiperativas pois foram, desde cedo, habituadas ao movimento através do computador e dos jogos eletrónicos, e os livros têm a capacidade de contrariar toda essa movimentação excessiva. Nós precisamos de silêncio e de introspeção para crescer, precisamos de calma, vagar e o livro proporciona-nos tudo isso.

Falar de leitura é falar de compreensão, falar de leituras do mundo, e a verdade é que quanto mais livros lermos, melhores leitores seremos. Nunca é tarde para começar a ler, mas quanto mais cedo melhor, e os jovens têm uma panóplia de livros de literatura juvenil que lhes permite adquirir esse gosto pela leitura e esse desenvolvimento enquanto leitores.

Essencial é que todos nós tenhamos um projeto de leitura para a vida, pois para sermos cidadãos do mundo e respeitarmos a cultura dos outros, temos primeiro de respeitar a nossa. No entanto, só poderemos respeitar e valorizar a nossa cultura se a conhecermos.

O que fazer para sermos leitores? Como podemos começar? Esta será uma angústia dos nossos jovens e ninguém tem o direito de lhes dar uma lista de livros que terão de ler para se tornarem leitores. Cada um de nós se vai construindo enquanto leitor, todas as leituras são positivas e cada um de nós vai construindo o seu projeto de leitura, e à medida que vamos lendo é que nos vamos apercebendo com que tipo de leitura devemos gastar o nosso tempo.

Segundo a Professora Doutora Maria da Graça Sardinha, para nos formarmos enquanto leitores, enquanto cidadãos do mundo, devemos conhecer a nossa realidade sociocultural. E se conhecermos a nossa realidade sociocultural, passamos a respeitá-la, a valorizá-la, desenvolvendo assim a capacidade de respeitar e valorizar a realidade dos outros.

Estando os alunos na Escola Secundária Fernando Namora, porque não começar o projeto de leitura com algo deste autor? Ou procurar lendas e histórias da região, tão rica com as suas ruínas de Conímbriga. Lendas, provérbios, lengalengas, podemos iniciar a nossa formação enquanto leitores com aquilo que nos toca, com o que nos está tão próximo, com aquilo que Torga chama de “sentimento telúrico”, o apego à terra, o gosto por aquilo que é nosso, a valorização daquilo que é nosso. Se eu respeitar a minha cultura, então respeito todas as culturas.

Partimos daqui e vamos alargando as nossas leituras. Podemos conhecer os nossos autores em primeiro lugar, como José Saramago, e só depois partir para autores estrangeiros, como Gabriel García Marquez. Não gosto de Saramago? Só o poderemos saber depois de o ler, e devemos pensar que, se é considerado por muitos um autor de excelência, tendo-lhe sido atribuído um Prémio Nobel, deve haver algum motivo, deve haver alguma qualidade naquilo que ele escreveu. Por outro lado, a leitura permite-nos olhar o mundo que nos rodeia de uma forma mais rica. Depois de lermos o *Memorial do Convento*, uma visita a Mafra será totalmente diferente, olharemos o local com outros olhos. E assim vamos construindo o nosso projeto de leitura, alargando os nossos horizontes lentamente, para nos prepararmos para voos mais longínquos, para livros mais distantes da nossa realidade.

Há autores que dizem que, se não conhecermos aquilo que é nosso, colocamos a nossa própria identidade em risco. Se colocamos a nossa identidade em risco, colocamos também a do coletivo, e se nós não conhecermos a nossa identidade, se não soubermos de onde viemos, se não soubermos quem somos, podemos estar a colocar em risco a própria democracia. Há quem diga, também, que nós, portugueses, estamos assim porque atravessamos um enorme atraso cultural. Os alunos portugueses têm sido submetidos a testes e têm apresentado resultados insatisfatórios, ficando pouco confortáveis em relação aos outros países da Europa, situação que poderá estar intimamente ligada ao nosso atraso cultural e, diretamente, ao nosso atraso económico.

Posteriormente, foi referida a literacia, uma palavra moderna que apenas no final do século XX entrou no dicionário da Academia das Ciências de Lisboa e que a maior parte das pessoas pensa que se cinge a saber ler e escrever. No entanto, é muito mais do que saber ler e escrever, é a capacidade de adequar o que lemos ao contexto em que vivemos, é nós aprendermos e depois termos a capacidade de adequar esses saberes na sociedade onde vivemos. Por outro lado, os alunos têm de ser bons escreventes, bons falantes e a leitura proporciona tudo isso. Se os nossos alunos lerem, se tiverem hábitos de leitura, terão notas consideravelmente mais elevadas na escola. Sem leitura não se chega a lado nenhum. Portanto, é de extrema importância que os alunos portugueses se consciencializem do poder da leitura, pois com ela, e através dela, terão a capacidade de interpretar a vida de uma outra forma. Por exemplo, se os alunos visitarem as ruínas de Conímbriga sem lerem nada sobre a sua história, olham para aquelas pedras e elas não lhes dirão nada.

Na verdade, a vida exige tanto de nós que temos de ser leitores até morrer. No entanto, ninguém nasce leitor, é um gosto que vamos adquirindo, até que já não conseguimos viver sem ler, tanto a leitura ligada à informação, como a leitura que permite adquirir conhecimento. E à medida que vamos lendo, nasce em nós a necessidade de ler coisas variadas, levando-nos, lentamente, a formarmos o nosso próprio projeto de leitura, para sermos leitores da vida, leitores que sabem ler.

Hoje em dia já se fala em literacia crítica, que consiste em saber ler mas também em ser crítico daquilo que se lê. E, por outro lado, ter a capacidade de produzir um texto diferente daquele que leu, com outro olhar. Como diz o poema de José Régio, “Só vou por onde / Me levam os meus próprios passos”<sup>6</sup>. Os nossos jovens têm de ser críticos, não devem aceitar tudo passivamente, não têm de aceitar tudo aquilo que lhes é oferecido de bandeja. A sociedade espera que sejam críticos e interventivos.

A mensagem transmitida é que a leitura é uma necessidade para toda a vida, devemos amar os nossos livros, lembrar que as bibliotecas são um lugar mágico e que o nosso saber está todo nas prateleiras das bibliotecas. Se pararmos para olhar para um livro, se o abrirmos, temos sempre alguma coisa para aprender com ele. Nesta sociedade competitiva em que vivemos, para aqueles que forem leitores ativos e interventivos haverá sempre espaço, tanto a nível social, como a nível profissional. Se falarmos bem, se escrevermos bem, se formos bons falantes, temos as portas abertas, e a leitura tem tudo isso e muito mais para nos oferecer.

Mensagem final: sejam leitores, mimem os livros, visitem museus e bibliotecas, fruam desses momentos. A leitura vai permitir que escolhamos em liberdade, que saibamos ver para além da cortina linguística, que sejamos mais interventivos e mais felizes.

A intervenção da Professora Doutora Maria da Graça Sardinha terminou com a leitura emotiva e apaixonada de um poema da sua autoria e, de seguida, os alunos tiveram oportunidade de falar sobre as suas experiências com os livros. Na sequência de uma aluna não conseguir expressar o que a terá cativado na leitura de um livro, criou-se um debate sobre os direitos do leitor, pois este tem o direito de calar as suas perceções da leitura. Aliás, segundo Pennac<sup>7</sup>, o leitor tem:

- 1- O Direito de Não Ler
- 2- O Direito de Saltar Páginas
- 3- O Direito de Não Acabar um Livro
- 4- O Direito de Reler

---

<sup>6</sup> Régio, José, “Cântico Negro”, in *Poemas de Deus e do Diabo*, 1925 (in <http://www.citador.pt/poemas/cantico-negro-jose-regio>)

<sup>7</sup> Pennac, Daniel, *Como um romance*. Porto: Edições Asa, 1993, (contracapa).



- 5- O Direito de Ler não Importa o Quê
- 6- O Direito de Amar os “Heróis” dos Romances
- 7- O Direito de Ler não Importa Onde
- 8- O Direito de Saltar de Livro em Livro
- 9- O Direito de Ler em Voz Alta
- 10- O Direito de Não Falar do Que se Leu

Todos estes “Direitos Alienáveis do Leitor” (Pennac, 1993) têm sido tomados em conta na Biblioteca escolar da nossa escola, tendo o bibliotecário o cuidado de os analisar detalhadamente com exemplos fornecidos pelos alunos.

## 6. Estratégias de motivação para a leitura

*Um professor (...) não deve apenas ensinar a ler e a escrever (...); deve semear a semente da virtude na alma da criança; isto é importante, pois, como diz Aristóteles, um homem conduz-se na sua vida de acordo com a educação que recebeu; tendo-se enraizado num homem durante a sua juventude, todos os hábitos, especialmente os bons, não podem mais tarde ser arrancados. (Manguel, Alberto, 1999: 90-91).*

O desejo de qualquer professor deveria passar por aqui: desenvolver um conceito de escola capaz de formar cidadãos que permaneçam bons leitores ao longo de toda a sua vida. Como futuros professores atentos e preocupados, devemos questionar-nos sobre "como garantir que os jovens se tornem verdadeiros leitores. Despertar os alunos para o prazer de ler implica partir do pressuposto de que o prazer, todo o prazer, é livre. Ou então, não será prazer. A liberdade é indispensável à experiência apaixonante da leitura, logo, o sistema educativo não deveria negligenciar o prazer de ler sempre que o transforma em dever social e não em direito inalienável. Se, em primeira instância, permitirmos e conseguirmos que os alunos fruam o texto e dele retenham prazer, teremos aberto o caminho para a adesão eficaz e produtiva à leitura funcional. Na verdade, a leitura recreativa serve de estímulo à leitura funcional e não o contrário.

Motivar para a leitura não se resume à leitura dita tradicional. Implica, igualmente, motivar para a leitura de conteúdos de computador, fotografias, quadros, músicas, peças de teatro, publicidade. Um aluno deverá sentir-se familiarizado com o uso de ferramentas tecnológicas que lhe permitam ler e escrever informação apresentada, não só em páginas de papel, mas também em ecrãs de computador e televisão, daí a importância das novas tecnologias e a necessidade de o professor com elas estabelecer uma relação de proximidade.

Qualquer exigência origina desmotivação, logo, muitos estudantes são vítimas da síndrome "Não gosto de ler", escondendo-se por detrás desta frase, justificando assim o seu baixo rendimento escolar, a sua passividade em relação ao livro, e chegam mesmo a convencer-se da sua crónica falta de gosto pela leitura, até porque *é normal não gostar de ler*. De modo a contrariar toda esta negatividade, cabe ao professor de Português motivar para a leitura, tendo várias estratégias ao seu alcance. Em primeiro lugar, uma ação empenhada por parte do professor, em segundo lugar, responsabilizar os alunos pela escolha de livros ou textos que queiram ver debatidos e trabalhados na sala de aula, e pela formulação de questões acerca dos textos lidos. Estas perguntas ajudá-lo-ão a perspetivar a leitura como uma ação dirigida por um propósito (o de decifrar a mensagem do texto lido) pelo qual eles se sentirão responsáveis. Em terceiro lugar, promover a leitura poderá passar pela promoção da qualidade e quantidade de vocabulário dos alunos, melhorando não só a compreensão da

leitura, mas também o autoconceito do aluno, o que levará à destruição de qualquer atitude negativista («Não leio porque as palavras são muito difíceis») e ao facto de o aluno se sentir “dominador” do livro e menos dominado por ele. O professor poderá fornecer regularmente uma lista de vocabulário: a tarefa dos alunos será a de procurar textos nos quais esses vocábulos surjam. Os alunos poderão também redigir textos nos quais esses vocábulos se insiram. A atividade poderá remodelar-se ou expandir-se de acordo com as dificuldades e necessidades dos alunos.

Em quarto lugar, o professor deverá demonstrar aos alunos os benefícios da leitura, sendo eles:

- Um leitor competente realiza tarefas relacionadas com a escrita e leitura de forma mais eficaz;
- Tem acesso a um *corpus* de conhecimento mais elevado e a um leque mais variado de formas de viver e pensar; aprende a falar e a comportar-se mais adequadamente;
- Desenvolve a sua sensibilidade literária;
- É mais independente, conhece-se melhor a si mesmo, desenvolvendo uma autoimagem positiva, realista e fundamentada, não só como leitor, mas também como aluno, pessoa, membro da sociedade.

Desta forma, um leitor competente será capaz de discutir o que leu, confrontando a sua com outras interpretações, seleccionando informação, formulando hipóteses, construindo sentidos, mobilizando referências culturais diversas, criando imagens sensoriais e visuais durante e após a leitura, procurando estruturar o seu pensamento de acordo com as estruturas várias às quais acede através das suas digressões literárias.

Em quinto lugar, para incentivar à leitura, o professor poderá pedir aos alunos que realizem uma análise recreativa dos textos, através de redações que partam do texto, recorrendo à escrita imaginativa. Por outro lado, os alunos poderão atribuir títulos originais aos textos; poderão, orientados pelo professor, fazer leituras diversas a níveis cada vez mais profundos; desmontar frases combinando os seus elementos para encontrar sentidos opostos aos iniciais, desenvolver a expressão livre, a fluência e a flexibilidade de ideias.

Em sexto lugar, poderia organizar-se um “livro de turma”, constituído por comentários escritos pelos alunos em relação a textos oficiais lidos nas aulas. O “livro de turma” poderia dividir-se em três partes: uma primeira parte dedicada aos comentários pessoais dos alunos sobre textos lidos nas aulas; uma segunda parte funcionaria como dicionário de termos linguísticos e literários que permitam uma melhor compreensão dos textos abordados; por último, uma terceira parte, dedicada a comentários pessoais dos alunos sobre leituras secundárias relacionadas com os textos oficiais lidos na aula. Desta forma, o aluno é levado a escrever sobre as ideias encontradas na leitura: ler ativamente conduzirá a uma resposta ativa e efetiva à leitura através da escrita, até porque os atos de escrita permitem aos alunos

mostrar as suas competências de leitura. Também o professor poderá participar nesta atividade, escrevendo, por exemplo, comentários acerca de aspetos negligenciados pelos alunos.

Em sétimo lugar, porque não utilizar a própria escola na motivação para a leitura? Podemos levar os alunos a refletir sobre o que está afixado nas paredes da escola, ou sobre o que não está e poderia estar, prestando atenção ao que está escrito e à forma como está escrito, como erros ortográficos, mensagens sub-reptícias, grafitis, “palavrões”, declarações de amor, de racismo, entre muitas outras possibilidades. Na verdade, tendo por base o que se escreve nos corredores e paredes das escolas, mobilizar-se-á criativamente a população estudantil para a leitura, e assim, mais do que levados a ler, os estudantes serão levados a pensar sobre o que leram.

Em oitavo lugar, podemos ajudar os alunos na organização de ideias durante a leitura se lhes ensinarmos técnicas de leitura, tornando-os mais seguros no que se refere ao domínio e trabalho de técnicas de pensamento. Na maioria dos casos, os alunos esquecem-se que ler requer muita atividade mental de reflexão, logo, aprender a pensar para poder ler poderá encorajar futuras leituras de maior fôlego e profundidade.

Segundo Sebastião da Gama (1980: 27), são três os benefícios de uma boa leitura em público: “Para que nos oiçam, para que nos compreendam, para que se convençam”. Por esse motivo, e em nono lugar, seria importante elucidar os alunos acerca das conveniências de ler bem.

Em décimo lugar, deverá ser promovida a leitura recreativa de textos em contexto de sala de aula, sublinhando apenas o simples prazer de ler, sem qualquer objetivo utilitarista ou pragmático.

Em décimo primeiro lugar, o professor poderá introduzir a obra ou o texto através de imagens que de alguma forma se relacionem com o texto em questão, até porque se pode traduzir uma imagem em mil palavras.

Em décimo segundo lugar, diferentes atividades poderão ser realizadas na escola, nomeadamente, concursos de leitura, feiras do livro, concursos literários ou encontros com escritores, entre muitas outras atividades.

Em décimo terceiro lugar, durante o estudo de obras integrais, o docente poderá pedir aos alunos que escolham os capítulos que mais lhes agradaram, responsabilizando-os pela atribuição de determinadas funções: os leitores, o técnico de estilo, o historiador, o clarificador. Depois de distribuídas as funções, cada um irá preparar o capítulo em questão. No final, todas estas prestações serão unidas, ligadas, em prol da unidade do texto.

## 7. O papel da literatura juvenil

A literatura juvenil requer um leitor mais competente relativamente à literatura infantil, nomeadamente ao nível da interpretação de texto, da capacidade de decifrar significados, da capacidade de criar e imaginar para além do texto apresentado e da competência de desfrutar dos jogos figurativos. De um modo geral, a literatura juvenil permite ao leitor fantasiar e produz no leitor um sentimento de prazer e de deleite, cultiva a imaginação ao mesmo tempo que desenvolve a sua compreensão do mundo que o rodeia.

A literatura juvenil oferece uma experiência de vida para o jovem leitor, que já será capaz de descodificar os códigos e convenções implícitas no texto literário uma vez que (supõe-se) já traz consigo uma bagagem considerável enquanto leitor.

Segundo Albuquerque (2000), a literatura juvenil está centrada em dois modelos: o modelo moralista e o modelo informativo. Seguindo um modelo moralista, o protagonista da narrativa já não é uma criança passiva, dependente dos adultos, mas sim um protagonista herói, que se depara com diversas dificuldades provenientes de uma sociedade que vive uma crise de valores, passando o protagonista por uma batalha durante a qual terá de ultrapassar várias dificuldades, durante a qual se sente solitário a tentar resolver todos os seus problemas.

Por seu lado, o modelo informativo apresenta um estilo diferente, em que o divertimento e a instrução andam de mãos dadas com o objetivo de apresentar uma narrativa de viagens com muita aventura à mistura. Durante esta viagem, o protagonista quer experienciar uma realidade diferente daquela a que está habituado no seu dia-a-dia, fugindo assim à sua rotina, à sua realidade familiar, procurando independência e novas experiências. É no modelo moralista que se enquadra *O Cavaleiro da Dinamarca*, uma vez que um homem de família deixa tudo para trás para viver um sonho, uma aventura que só poderia viver sozinho, que o faz ultrapassar todos os seus medos e, ao mesmo tempo, que lhe permite regressar a casa com uma perspetiva diferente da vida, valorizando ainda mais as suas raízes, a sua família, a sua terra.

A literatura juvenil portuguesa está repleta de exemplos seguidores do modelo informativo, como é o caso da série de cinquenta e seis livros *Uma Aventura*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada. Nas suas obras, as autoras apresentam personagens jovens que percorrem o país, e não só, numa descoberta das tradições portuguesas, tanto históricas, como geográficas ou etnográficas. Estes livros apareceram com o objetivo de despertar nos nossos jovens, e o mais cedo possível, o prazer da leitura, tendo alargado grandemente o número de leitores uma vez que não havia literatura juvenil com aventuras passadas em Portugal e que retratasse a realidade das crianças do final do século XX e início do século XXI, conjugadas a um estilo de escrita adequado aos nossos jovens. Por esse motivo, quatro dos cinquenta e seis

livros desta coleção estão recomendados pelo Plano Nacional de Leitura, pela identificação que os nossos jovens sentem com as personagens e as histórias presentes em *Uma Aventura*.

Na literatura dedicada aos jovens, são várias as temáticas dominantes, como a narrativa sobre adolescentes, a narrativa de aventura, a narrativa policial ou de inquérito, a narrativa histórica ou a narrativa de ficção científica. A narrativa sobre adolescentes é uma das marcas da literatura juvenil, na qual são descritas situações de vida difíceis, tanto a nível económico, como social ou familiar, sendo frequente a apresentação de protagonistas órfãos, provavelmente por haver nestes jovens uma maior necessidade de independência e de, supostamente, poderem viver aventuras com menos constrangimentos. Desta forma, os leitores poderão retirar um grande prazer da leitura, viajando com os protagonistas destas aventuras, experimentando uma liberdade desejada mas irreal, sem sair de casa.

Por seu lado, a narrativa de aventura apresenta uma história cheia de ação e mistério, associada a uma viagem interrompida por imprevistos, permitindo ao leitor uma fuga da sua realidade, sair do controlo dos seus familiares sem serem castigados, podendo interromper essa “viagem” quando bem entenderem, constituindo um importante passo para o conhecimento do mundo e um melhor conhecimento de si mesmo, o que contribuirá para a sua maturidade. Desta forma, a leitura deste tipo de narrativa serve para que o jovem faça um ensaio da sua vida, com o qual poderá muito aprender sobre si sem qualquer consequência imediata. Com estas obras, os professores poderão melhorar as suas estratégias pedagógicas, pois aproveitam a popularidade e a adesão mais rápida dos nossos jovens a este tipo de literatura, podendo selecionar obras que contenham outros conteúdos para si pertinentes, como história, ciência, arte, entre muitos outros.

A narrativa policial ou de inquérito atrai uma grande parte dos jovens leitores, pela fuga à sua realidade, vivenciando histórias que desafiam a própria polícia, com diversas tramas e aventuras, com muitos crimes envolvidos que originam um enigma. Este enigma será o impulsionador de toda a história, e permite ao protagonista brilhar pois este encontra sempre, numa fase final, argumentos que o levam a solucionar o crime cometido logo no início da história. Nestas histórias, os leitores facilmente se identificam com os detetives, pela sua astúcia, inteligência e capacidade de fazer com que o bem triunfe sobre o mal.

A narrativa histórica, inicialmente considerado um género direcionado apenas para adultos, apresenta uma ação envolta em aventura especificamente contextualizada num determinado período histórico, permitindo ao escritor retratar uma sociedade, um povo, um país ou uma figura pública. Normalmente, estas narrativas estão longe da realidade dos leitores e não podem ser vistas como alternativa à realidade atual, no entanto, estas viagens no tempo podem auxiliar na compreensão da nossa sociedade. Na verdade, a narrativa histórica tem a capacidade de oferecer as ferramentas necessárias aos nossos jovens para encontrarem o seu próprio lugar no mundo.

Considerada um subgênero literário, a narrativa de ficção científica surge no contexto da fantasia, afastada da lógica e da realidade, e está diretamente relacionada com as inovações científicas e tecnológicas. Este tipo de narrativa apresenta a mais-valia de permitir ao leitor conhecer uma alternativa ao mundo que conhece, permitindo-lhe também interpretá-la de múltiplas formas. Pode parecer uma narrativa infrutífera, no entanto, são vários os valores que as crianças podem absorver através dela, nomeadamente a preparação dos jovens para as mudanças tecnológicas, científicas e, conseqüentemente, sociais que poderão vir a conhecer no futuro. Sobretudo, o confronto dos jovens com os paradigmas e conflitos normalmente presentes neste tipo de narrativa permite-lhes desenvolver uma mente aberta relativamente à possibilidade de existirem (ou virem a existir) formas de viver diferentes da sua.

Quanto à obra *O Cavaleiro da Dinamarca*, esta enquadra-se perfeitamente na narrativa de aventura, tratando-se da narração de uma viagem repleta de imprevistos, surpresas e, inclusive, muitos riscos, no entanto, pode considerar-se a presença de características próprias da narrativa histórica por transmitir aspetos sociais, culturais e até mesmo económicos de diferentes períodos históricos.

Encontrando-se os leitores juvenis em plena fase de desenvolvimento psicocognitivo, facilmente sujeitos a diferentes influências sociais, culturais e pedagógicas, é de extrema importância a seleção de obras a trabalhar na escola, pois é através da leitura e da interação com o texto literário que o jovem leitor começa a conhecer e a dominar os princípios, os códigos e as convenções cultural e socialmente aceites, o que dará origem à competência literária. Logo, a competência literária provém da capacidade cognitiva resultante da leitura e do nível de eficiência do leitor perante um texto, independentemente do tipo de narrativa. Assim, aprender a ler, a usufruir da leitura e a valorizar os livros será uma mais-valia para a aquisição de um conhecimento cultural mais elevado e variado, o que permitirá um melhor conhecimento do seu mundo interior e ampliar a capacidade de interpretar a realidade exterior.

A competência literária não é considerada uma capacidade inata, esta adquire-se através da aprendizagem, daí ser muito benéfica a apresentação gradual de obras que permitam à criança contactar com a literatura, para que esta vá adquirindo os instrumentos necessários para alcançar os diferentes sentidos do texto. Logo, não podemos esquecer que ler é compreender, interpretar, valorizar a mensagem, propiciando a convergência de conhecimentos e saberes, fundamentos base da competência literária.

## **Capítulo II**



## **1. O Cavaleiro da Dinamarca - Introdução**

Como professores de Português, devemos consciencializar-nos da necessidade de capacitar os nossos alunos para a produção de leituras críticas e refletidas, cada vez menos orientadas por nós. É nosso dever ensinar a ler, mostrando que ler um livro não é ter acesso apenas a um aspeto do autor ou do seu mundo, mas a uma personalidade inteira, a uma vida que atravessa cada página de um texto concreto, realizado, sobre o qual é possível construir sentidos. Os alunos deverão consciencializar-se que ler não é só analisar, mas é também interpretar, observar, julgar, e principalmente responder ao apelo que a obra/texto faz às suas sensibilidades literárias. Mais do que apelar à acumulação de dados e factos histórico-literários, há que apelar à sensibilidade dos alunos, moldando-a para que estes possam aperceber-se da beleza que um texto pode conter. Na verdade, não podemos negar a importância do ensino de factos relacionados com a origem, transmissão e meio em que a obra em estudo surgiu. Porém, o professor deverá compreender que o objetivo do seu ensino não é apenas o de levar os alunos a acumular estes factos. O verdadeiro objetivo baseia-se numa experiência que se deve praticar e incentivar: a comunicação de uma apetência, de uma habilidade: a de ler criticamente. Estamos de facto perante uma política educativa fundamentada e centrada no aluno, atenta às suas necessidades, capacidades, desejos e ideias. Motivar para ler é o passo a dar contra a crescente desvalorização do código escrito e dos precários hábitos de leitura e contra o analfabetismo funcional.

Logo, nas aulas (e fora delas), devemos motivar a leitura fomentando a interpretação, discussão e exploração de textos, promovendo a autonomia e responsabilidade dos alunos. A leitura é importante também para estimular a criatividade, criar sensibilidade literária, dar atenção às palavras, pensar no que se lê; para escrever melhor, subindo acima das palavras, configurando estruturas linguísticas, de pensamento e formas de vida; para “levar o sujeito a encontrar-se consigo próprio, com o mundo em que vive, com os mundos que o precederam e com aqueles que lhe sobreviverão, numa palavra, levá-lo a viver a cultura” (Alarcão, 1995: 37); para destruir atitudes conformistas no aluno e influenciar a sua conduta em situações de aprendizagem.

*O livro possibilita a viagem pelo mundo do saber. Ele é a imagem dos tempos, reflete mentalidades, maneiras de estar na vida, modos de pensar, ideias de épocas, objetivos de vida, princípios norteadores de condutas e torna-se, por isso, no testemunho de sentimentos e de utopias de gerações, imprescindíveis aos povos que ele representa e também aos outros que o desconhecem mas querem conhecê-los. (Gomes, 2011: 337)*

Através da literatura, os nossos alunos desenvolvem competências e conhecem o mundo através de palavras que não são suas, de histórias que não lhe pertencem, mas que pode conhecer através da sua imaginação e criatividade. O ato de leitura de um texto literário deve ser um ato de enriquecimento, que permite aos alunos adquirir conhecimentos e experiência, desenvolver a aprendizagem. No entanto, para que se produza a referida aprendizagem, é necessário analisar os vários significados de um texto, ou seja, ter sempre em mente a natureza plurissignificativa de qualquer texto literário. O professor deve, então, levar o aluno à questionação, levá-lo a refletir sobre o texto, sobre a mensagem que lhe transmite, sobre o que o faz sentir. Ao estabelecer uma relação com o texto literário, tanto efetiva como afetiva, o leitor está a formar-se enquanto ser humano, ser consciente e social.

O modelo pedagógico utilizado nas escolas portuguesas baseia-se em vários princípios:

- “Culture is both web and weaving” (George *et al.*, 2003: 323-325)
- “Students and teachers, and their own stories, are primary” (George *et al.*, 2003: 325-326)
- “Good multicultural literature enables students to know themselves and others” (George *et al.*, 2003: 326-327)
- “Schools and classrooms should be laboratories of multiculturalism.” (George *et al.*, 2003: 327-328)

Logo, estes princípios por nós utilizados no estudo das obras selecionadas assentam no desenvolvimento da competência sociocultural, o que proporciona ao falante um conjunto de habilidades que, não só lhe permitem utilizar a língua de forma eficaz, mas também interagir com o meio por forma a poderem transformar-se em cidadãos internacionais, respeitadores das diferenças linguísticas, culturais, históricas e sociais.

A seleção das obras literárias passa por um minucioso escrutínio, uma vez que se procura que sigam determinados princípios e objetivos. Como tal, as obras trabalhadas na escola devem respeitar a diversidade cultural, promover a aceitação das diferenças, propiciar o desenvolvimento do domínio linguístico, cognitivo e afetivo do aluno. Por outro lado, devem promover o enriquecimento pessoal e social, através do imaginário e da fantasia que as histórias presentes nos livros trazem consigo, podendo implicar tradições, lendas, símbolos, crenças, e até processos inerentes à linguagem não-verbal. Na realidade, o objetivo máximo é que a leitura de uma obra fortaleça a perceção e o respeito pelo outro.

Tendo todos estes aspetos em consideração, muitas são as obras que os alunos deverão conhecer durante o seu percurso escolar, tendo sido selecionado *O Cavaleiro da Dinamarca*<sup>8</sup>, de Sophia de Mello Breyner Andresen, para estudo neste relatório. A seleção da obra deveu-se à simplicidade e beleza da obra, pois o valor e a força das palavras imperam, e a simplicidade

---

<sup>8</sup> ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, *O Cavaleiro da Dinamarca*, Figueirinhas, 2004.

da(s) história(s) contrasta com a riqueza vocabular e criativa. A sua história proporciona aos alunos uma viagem pela Europa sem sair da sala de aula, uma viagem que transporta os alunos para terras distantes e para um tempo diferente do de hoje, numa obra que facilmente nos fornece vários instrumentos para trabalhar a componente sociocultural. Esta experiência permitirá aos alunos valorizar as semelhanças e diferenças, desmistificar medos e refletir sobre o dom da vida, uma vez que as crenças, os mitos, o valor da liberdade e os diferentes sentidos da vida estão bem presentes em *O Cavaleiro da Dinamarca*.

## **1.1 O Cavaleiro da Dinamarca: sinopse**

Em *O cavaleiro da Dinamarca*, Sophia de Mello Breyner Andresen apresenta-nos a história de um homem nobre e arrojado para o seu tempo. Este homem morava com a sua família numa floresta no norte da Dinamarca. Durante uma ceia de Natal, de ano incerto, o cavaleiro comunicou a toda a família que iria partir em peregrinação à Terra Santa com o objetivo de passar o Natal seguinte na gruta onde Jesus nasceu. Depois da comunicação, prometeu à família que iria estar de regresso daí a dois anos, de modo a celebrar o nascimento de Jesus junto da sua família.

Assim que chegou a primavera, o Cavaleiro partiu rumo à Palestina, onde chegou muito antes do Natal. Da Palestina partiu para Jerusalém, onde visitou os locais sagrados, locais marcados pela passagem de Jesus Cristo, realizando assim um dos seus sonhos. Na noite de Natal, o cavaleiro conseguiu chegar à gruta onde Jesus nasceu e passou a noite a rezar neste lugar sagrado. O Natal terminou mas o cavaleiro decidiu permanecer na Palestina por mais dois meses, tendo assim a oportunidade de visitar e conhecer outros locais sagrados.

O tempo passou rapidamente e, no final de fevereiro, o cavaleiro decidiu encetar a viagem de regresso a casa. A viagem de regresso foi muito atribulada, tendo o cavaleiro enfrentado muitos contratempos relacionados com o mau tempo até chegar a Itália. Nessa viagem, conheceu um peregrino especial, que o convidou a ficar no seu palácio quando tiveram de desembarcar inesperadamente perto de Veneza. Desta forma, o Cavaleiro teve a oportunidade de visitar esta cidade e foi na casa do mercador de Veneza que o cavaleiro conheceu a história de amor maravilhosa entre Vanina e Guidobaldo, a história de Giotto e Cimabué, a história que motivou Dante a escrever a sua “Divina Comédia” e o relato das viagens dos navegadores portugueses por terras africanas.

Um mês depois, o cavaleiro decide continuar a viagem, ainda que o mercador o tente convencer a ficar e o convide a trabalhar com ele. O destino seguinte foi Florença, onde chegou no início de maio. Consigo levava uma carta de recomendação para entregar a um banqueiro, de seu nome Averardo, que o recebeu em sua casa como a um amigo.

Depois de um mês em casa do banqueiro, voltou a partir, desta vez rumo a Génova. Durante esta viagem, o cavaleiro adoeceu e acabou por ter de pedir ajuda num convento. A recuperação foi demorada e apenas dois meses e meio depois reuniu todas as condições para continuar a sua viagem. Chegando a Génova, no final de setembro, já não conseguiu apanhar um navio para a Flandres, pois já todos tinham partido, pelo que decidiu continuar a sua viagem a cavalo. De Génova partiu rumo a Bruges e de Bruges para a Dinamarca. A viagem por toda a França revelou-se dura e longa, algo que o Cavaleiro já esperava, no entanto, decidiu continuar, com o objetivo de cumprir a promessa feita à sua família.

Atravessou a França e, finalmente, chegou à Flandres, tendo ficado hospedado na casa de um negociante flamengo. Ficou apenas alguns dias na Flandres e deu-se início à última etapa do seu regresso à sua terra natal, na Dinamarca.

Dois dias antes do Natal, o cavaleiro chegou a uma povoação já perto da floresta onde morava. Na noite seguinte, entrou na floresta e atravessou-a, uma travessia que se revelou difícil, repleta de acontecimentos misteriosos, que só se explicam com o recurso ao mundo religioso. Enfrentou animais ferozes, mas pediu-lhes uma trégua por se tratar de uma noite santa, fechou os olhos, rezou a Deus, e eles acabaram por não lhe fazer mal e se afastarem.

O facto de estar perto de casa deu-lhe ânimo para continuar a sua viagem, esquecendo o cansaço e o frio. A certa altura, o cavaleiro avistou uma luz brilhante, que pensou tratar-se de uma fogueira, mas, quando se aproximou, verificou que era o seu grande abeto que os anjos tinham decorado com estrelas. Desta forma, nasceu a tradição do pinheiro de Natal, decorado e iluminado pela família do cavaleiro todos os anos, em memória daquela ajuda divina. Esta tradição começou na Dinamarca mas acabou por se expandir para o resto do mundo.

## 1.2 O Cavaleiro da Dinamarca: novas abordagens pedagógicas

Nesta parte do relatório, irão ser apresentadas diferentes abordagens à leitura integral e orientada de *O Cavaleiro da Dinamarca*, marco da literatura juvenil em Portugal, escrita por Sophia de Mello Breyner Andresen. Esta obra encontra-se na lista das obras recomendadas pelo Plano Nacional de Leitura, sendo uma das opções presentes no programa de Língua Portuguesa no sétimo ano de escolaridade.



Imagem 1 – Capa do livro

O primeiro contacto com o livro estabelece-se fora da sala de aula, uma vez que o professor pede aos alunos que o leiam antes de o começarem a estudar. A partir daqui, o aluno vai contactar com o livro na sala de aula, seguindo as orientações do professor. Iniciamos, assim, a pré-leitura da obra em questão.

### Pré-leitura

Em primeiro lugar, o professor pode solicitar aos alunos que observem os elementos constituintes da capa e da contracapa, referindo o título, a autora, a editora, pede-lhes que comentem a imagem e o que esta os faz sentir. Por outro lado, estabelece-se a relação entre a imagem e a história no interior do livro, que já conhecem.

Os alunos terão oportunidade de se debruçar sobre vários aspetos da capa e da contracapa, sendo a ilustração uma das partes que normalmente mais atraem a atenção dos alunos. Por esse motivo, poderá ser explorada com detalhe e os alunos poderão falar sobre o que lhes sugere a capa e para que lugares os remete. Por outro lado, tratando-se a floresta de um espaço de excelência na obra, poderá ser esse o motivo para que a ilustração se estenda da capa à contracapa, pois a história começa e termina na floresta, sendo a floresta também símbolo da abundância de vegetação, que acaba por funcionar como um labirinto onde o Cavaleiro acaba por se perder.

Para terminar, o professor foca a atenção dos alunos no nome da autora e pergunta-lhes se estes a conhecem, até porque Sophia de Mello Breyner Andresen é uma presença constante nos manuais do 2º e 3º Ciclos, que apresentam tanto textos poéticos como narrativos da autora nos seus currículos. Por esse motivo, e por revestir-se de alguma importância

apresentar os diferentes escritores aos alunos, os alunos terão oportunidade de verificar os seus conhecimentos sobre Sophia de Mello Breyner através da resolução de uma ficha de trabalho com atividades de compreensão auditiva (Anexo 1). Depois de entregue a ficha, o professor projeta um *PowerPoint* (Anexo 2<sup>9</sup>), que contém o ficheiro áudio necessário para esta atividade. Terminado o exercício, os alunos terão oportunidade de o corrigir com o apoio do mesmo *PowerPoint*. Relativamente à biografia da autora, deverão ser salientados, essencialmente, os aspetos relativos ao seu percurso literário e que possam, por isso, ajudar a compreender melhor a sua obra em geral. Neste sentido, poderiam também, como alternativa às atividades já apresentadas, ser lidos alguns extratos de depoimentos biobibliográficos dados pela própria Sophia de Mello Breyner em entrevistas.

Conhecendo a autora de *O Cavaleiro da Dinamarca*, facilmente encontramos afinidades entre a vida e a obra da autora, pela ascendência dinamarquesa, por parte do pai, pelo gosto que tem pelas viagens, a pela sedução que sente pela beleza das coisas, dos lugares, do mundo, e pelo profundo sentimento religioso que vai ser o mote de toda a viagem.

A viagem pela obra já deverá ter começado fora das aulas pois é suposto os alunos terem um conhecimento prévio da obra. Logo, numa segunda fase, o professor verifica se os alunos realmente conhecem a obra e se a leram com a devida atenção. Esta atividade não deverá ser entendida pelos alunos como uma avaliação do trabalho de casa, mas sim como uma ajuda ao docente, pois este deverá ter conhecimento do quanto os alunos já conhecem a obra. Para tal, é entregue uma nova ficha aos alunos (Anexo 3<sup>10</sup>), com questões de escolha múltipla, que permitirão ao próprio aluno aperceber-se se terá realizado ou não uma leitura atenta da obra. A esta atividade poderá acrescentar-se uma contabilização final das respostas corretas que determinará um nível relativo ao conhecimento do livro.

## **Leitura**

Terminada a verificação da leitura, é introduzido um estudo concreto da obra. Nesta altura, o professor pode pedir aos alunos que reflitam sobre os diferentes significados que a palavra *viajar* pode conter, durante a realização do primeiro exercício de uma nova ficha de trabalho (Anexo 4<sup>11</sup>).

Seguidamente, os alunos irão ler, em silêncio e individualmente, uma primeira parte do texto, relativa à descrição da floresta. A leitura poderá ser acompanhada pela audição de uma música de fundo, como as *Quatro Estações*, de Vivaldi. Desta forma, o professor

---

<sup>9</sup> Adaptado de *O Cavaleiro da Dinamarca, Síntese* (in <http://www.slideshare.net/paulo1966/o-cavaleiro-dinamarca-sntese>)

<sup>10</sup> Adaptado de *O Cavaleiro da Dinamarca, Síntese* (in <http://www.slideshare.net/paulo1966/o-cavaleiro-dinamarca-sntese>)

<sup>11</sup> Adaptado de “Guião de Leitura - *O Cavaleiro da Dinamarca*”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, da autoria de João Ricardo Lopes (in <http://www.aevisoporto.pt/BECRE/Documentos/GUIAO%20leitura%20cavaleiro%20dinamarca.pdf>)

proporciona um momento de fuga à realidade na sala de aula, permitindo um contacto mais profundo e pessoal com o texto em estudo. Numa fase posterior, alguns alunos poderão ler em voz alta a primeira parte da obra, podendo o professor pedir, depois, que os alunos classifiquem, oralmente, o narrador quanto à sua presença na ação, pressupondo-se que, nesta fase, os alunos já possuirão os conhecimentos suficientes para responder a esta questão. Espera-se, então, que os alunos refiram que o narrador é ausente ou não participante, o que pode ser comprovado com excertos do texto, como “Ali os invernos são longos (...)” ou “Nessa floresta morava com a sua família um Cavaleiro (...)” (Andresen, 2004: 2)

Posteriormente, os alunos serão guiados na exploração da primeira parte da obra, que engloba o anúncio do Cavaleiro e a sua partida, resolvendo os exercícios da ficha de trabalho já na sua posse (Anexo 4). Para a realização da ficha, os alunos necessitam identificar o espaço e o tempo da ação. Relativamente ao espaço, podemos desde logo situar geograficamente a Dinamarca, no norte da Europa, e conhecer as características do inverno neste país. Uma vez que as informações sobre o tempo da história são sempre imprecisas, muito indefinidas, deveremos aproveitar todas as informações que indiretamente nos fazem perceber em que época terá ocorrido a ação. Com esse objetivo, poder-se-á pedir aos alunos que se pronunciem sobre a época em que existiam cavaleiros, de modo a fazer conjecturas sobre o tempo cronológico da narrativa. Um “cavaleiro” é símbolo de triunfo e glória, homens que geralmente se sacrificam por uma causa de caráter moral e/ou sagrado. Para o desenvolvimento de conhecimentos e pesquisa sobre o que simboliza o “cavaleiro”, poderão ser, por exemplo, planificadas atividades conjuntas com a disciplina de História.

Posteriormente, os alunos deverão caracterizar o inverno pormenorizadamente, diferenciando as suas características de dia e de noite, e caracterizar a floresta, os seus pinheiros e até mesmo o seu silêncio. Neste momento, o professor poderá realçar a simbologia do pinheiro, que é símbolo de imortalidade no extremo Oriente, pois não perde as suas folhas no inverno. Por outro lado, não podemos esquecer que é o pinheiro que permite ao Cavaleiro regressar a casa na noite de Natal, tendo servido de guia no término da sua viagem, que se revelou especialmente difícil na reta final.

### **Texto Narrativo - Modos de representação na narrativa**

**Descrição** - apresentação dos ambientes, dos objetos, das personagens.

Exemplo: “(...) os Invernos são longos e rigorosos com noites muito compridas e dias curtos, pálidos e gelados.”

**Narração** - apresentação de ações e acontecimentos reais ou imaginários.

Exemplo: “Há muitos anos, há dezenas e centenas de anos, havia um certo lugar(...)”

Figura 1 - Modos de representação na narrativa presentes na obra



Neste momento da narrativa, é muito clara a presença da descrição. De modo a explorar as características muito próprias deste modo de expressão, o professor poderá registar no quadro, ou projetar, a seguinte informação:

De seguida, no Anexo 4, os alunos realizam um exercício de análise de vocabulário e expressões, nas quais predominam a múltipla adjetivação e a adjetivação expressiva (“manhãs verdes e doiradas”; “as bétulas cobriam-se de jovens folhas, leves e claras”) (Andresen, 2004: 3), bem como os recursos estilísticos, em especial a personificação (“a corrente recomeçava a cantar noite e dia”; “a brisa sussurrava nas ramagens”) (Andresen, 2004: 3), e a exposição constante de sensações visuais. Os alunos terão a oportunidade e comparar as diferentes estações do ano e explorar as diferentes formas como cada uma se faz notar, admirando assim os diferentes rostos da floresta. A descrição da floresta é tão rica e tão detalhada que os alunos terão todos os ingredientes para desenharem a sua versão da floresta do Cavaleiro, sendo esta uma excelente atividade alternativa, motivadora caso os alunos em questão gostem de desenhar. No final, poder-se-ia fazer um concurso sobre o retrato mais fiel da floresta. Como alternativa, o docente poderia apresentar algumas imagens representativas do tipo de árvore referido no texto.

De seguida, os alunos fazem uma pesquisa textual sobre as personagens presentes na ceia de Natal em casa do Cavaleiro, bem como as ações que acabavam por dar tanto movimento a esta ceia. Por um lado, a narrativa apresenta-nos a ideia de rotina e monotonia nesta noite, por outro, o encanto que as mesmas histórias ganhavam por tantas vezes serem repetidas. Na casa do Cavaleiro, vivia-se um verdadeiro espírito natalício, reinando a confraternização, o calor humano que contrastava com o frio gélido do exterior da casa.

*O Cavaleiro da Dinamarca* apresenta-nos um Natal diferente do Natal tipicamente português. Nesta fase, ou numa fase final do estudo da obra, os alunos poderão ser convidados a fazer uma pesquisa sobre as diferentes tradições natalícias no nosso país, pois devemos conhecer primeiro o que nos está mais próximo, ou sobre as tradições natalícias de outros países, com o objetivo final de realizar uma exposição com todas as informações recolhidas e tratadas em aula. Como alternativa, os alunos poderiam elaborar postais de Natal, todos com diferentes tradições de Natal, que poderiam ser distribuídos pela comunidade escolar nesta época festiva.

“(…) Até que certo Natal aconteceu naquela casa uma coisa que ninguém esperava.” (Andresen, 2004: 5): é com esta frase que termina a extensa descrição que pauta o início da obra e se enceta a narração da atribulada viagem. O Cavaleiro anuncia que irá passar o Natal seguinte em Belém, na gruta onde nasceu Jesus, e promete que estará de volta daí a dois anos para de novo celebrarem o Natal todos juntos.

Para guiar os alunos na longa viagem do Cavaleiro, o docente pode projetar um *PowerPoint* interativo (Anexo 5<sup>12</sup>), que acompanhará e motivará os alunos durante toda a jornada de leitura extensiva em sala de aula. O *PowerPoint* está diretamente relacionado com uma ficha de trabalho que os alunos irão realizar ao longo da exploração da obra, que servirá de Guião de Leitura (Anexo 6<sup>13</sup>). Neste *PowerPoint*, o professor começa por fazer uma retrospectiva com os alunos sobre a parte da história já trabalhada na aula, e uma antevisão do que ainda vão estudar. Por este motivo, é projetado um pequeno resumo da história, que o professor vai revelando gradualmente, sendo indispensável a colaboração dos alunos.

Depois de anunciada a partida, e de ninguém o ter tentado impedir, o Cavaleiro partiu rumo à Palestina, mas não sem esperar que o bom tempo viesse, tendo partido apenas na primavera. Esta decisão e a reação da família poderão produzir uma reflexão sobre os estereótipos e sobre as famílias matriarcais predominantes noutros tempos, numa sociedade tão distinta da atual.

Nesta altura, o Cavaleiro abandonou a sua casa e dirigiu-se ao porto mais próximo, onde embarcou rumo à costa da Palestina. A viagem da Palestina para Jerusalém foi bastante rápida, se falarmos do tempo de discurso, tendo o Cavaleiro chegado a Jerusalém sem contratempos e sem grandes motivos para alongar o discurso do narrador. E é sobre a jornada desde a Dinamarca até Jerusalém que os alunos trabalham nesta fase, podendo o professor projetar o *PowerPoint* sobre a viagem (Anexo 5). Através do *PowerPoint*, os alunos terão a oportunidade de visualizar o caminho de ida para Belém e de regresso a casa, através de um mapa ilustrativo.

Posteriormente, o docente poderá dar-se seguimento à exploração da obra com o Guião de Leitura (Anexo 6). Numa primeira fase, os alunos localizam temporalmente os momentos da viagem entre a Dinamarca e Jerusalém, completando várias frases com expressões de tempo já dadas. A correção pode ser efetuada com o auxílio do *PowerPoint*. Numa segunda fase, o professor pede aos alunos que leiam alguns excertos da obra, quer individualmente, quer em voz alta, de modo a conseguirem responder às questões presentes no Guião de Leitura, relativamente às ações praticadas pelo Cavaleiro em Jerusalém. Posteriormente, na ficha ser-lhes-á pedido que relembrem os lugares visitados pelo Cavaleiro e que indiquem o local que mais o emocionou. Por outro lado, deverão localizar, no tempo e no espaço, o início da viagem de regresso a casa.

---

<sup>12</sup> Adaptado de *O Cavaleiro da Dinamarca, Síntese* (in <http://www.slideshare.net/paulo1966/o-avaleiro-dinamarca-sntese>)

<sup>13</sup> Adaptado de *O Cavaleiro da Dinamarca, Síntese* (in <http://www.slideshare.net/paulo1966/o-avaleiro-dinamarca-sntese>) e de “Guião de Leitura - *O Cavaleiro da Dinamarca*”, de Sophia de Mello Breyner Andresen, da autoria de João Ricardo Lopes (in <http://www.aevisoporto.pt/BECRE/Documentos/GUIAO%20leitura%20cavaleiro%20dinamarca.pdf>)

Neste momento, dá-se início à viagem de regresso a casa, que se irá revelar muito atribulada e repleta de imprevistos, correspondendo a um momento de avanço na ação. Portanto, o modo de expressão predominante deixa de ser a descrição, dando lugar à narração, e este transforma-se num momento oportuno para que os alunos relembrem, em contexto, as características deste modo de expressão. Desta forma, poder-se-ão destacar alguns verbos de movimento, como “procurou”, “caminhou” ou “dirigiu-se” (Andresen, 2004: 7), ou reparar no avanço da ação com acontecimentos cronologicamente encadeados e a utilização constante do pretérito perfeito.

Depois de dois meses na Palestina, finalmente o Cavaleiro se decide a voltar à Dinamarca. No final de fevereiro, parte para Jafa, onde conhece o mercador de Veneza. O Cavaleiro irá ficar hospedado em sua casa, mas não terá sido fácil chegar a Veneza, pois uma violenta tempestade tomou conta da viagem, tendo o Cavaleiro chegado a temer pela sua vida. Durante a tempestade, o narrador volta ao modo expressivo inicial, a descrição, dando a conhecer ao leitor a violência do mau tempo, com a utilização de uma linguagem muito rica e expressiva, com a qual o professor poderá trabalhar os recursos estilísticos, pois é constante o recurso à metáfora, à personificação e à aliteração.

Chegado a Ravena, o Cavaleiro ficou encantado com a beleza da cidade e pela sua arquitetura, mas o mercador de Veneza convenceu o Cavaleiro de que a sua cidade era muito mais bela, pelo que a deveria conhecer. Seguiram, então, os dois para Veneza. Todo este percurso pode ser assinalado no mapa pelos alunos, de modo a que haja uma consciência constante da rota que o Cavaleiro acabou por seguir. Por outro lado, o docente poderá acompanhar a história com imagens dos locais por onde o Cavaleiro vai passando, pois as imagens constituem, geralmente, um modo de cativar a atenção dos alunos.

O Cavaleiro chegou a Veneza e a beleza da cidade é descrita com espanto, pois o Cavaleiro nunca havia visto nada igual. Após a leitura do excerto da obra referente a este momento, os alunos têm ao seu alcance alguns exercícios de compreensão da leitura, presentes no Guião de Leitura (Anexo 6). Em primeiro lugar, os alunos fazem uma sopa de letras com vocabulário relativo à descrição de Veneza. Num segundo momento, o professor pede aos alunos que expliquem a(s) razão(ões) que levaram o Cavaleiro a ficar tão encantado com a cidade e que identifiquem as personagens intervenientes no excerto, classificando-as quanto ao seu relevo na ação, pelo que o professor deverá rever com o alunos este conteúdo. Posteriormente, os alunos procuram no texto alguns exemplos de adjetivação, comparação e enumeração presentes no excerto. Desta forma, respondendo a questões sobre a obra e realizando exercícios sobre as estruturas linguísticas, devendo o professor cumulativamente apelar à reflexão, os alunos vão desenvolvendo o seu conhecimento da obra. E se o professor, ao longo de toda a obra, for demonstrando o seu amor pelos livros e pela leitura, bem como o prazer que a leitura desta obra em particular lhe possa suscitar, os alunos poderão sentir-se imbuídos por esse espírito, por esse estado de alma e aderir muito mais facilmente à leitura

da obra. A postura do professor perante o livro irá influenciar desmedidamente a postura do aluno, pelo que o professor deve revelar o seu gosto pela leitura e o quanto é importante para si enquanto professor e enquanto pessoa (Couto, 2001).

Voltando à história, é na bela cidade de Veneza, a cidade que o encantou, que o Cavaleiro conhece a história de Vanina e de Guidobaldo, uma história de amor que ultrapassou todas as barreiras e que surge neste momento da narrativa pela curiosidade do Cavaleiro acerca de quem morava num belo edifício que avistava da varanda da casa do mercador. Surge, assim, a primeira narrativa de encaixe.

Esta história secundária é sobre Vanina, cuja beleza é proporcional ao encanto da cidade de Veneza, uma jovem que estava aprisionada pelo seu tutor, Jacob Orso, pois recusava-se a casar com um homem mais velho que não amava. Durante a noite, acabou por conhecer o amor da sua vida, enquanto penteava os seus longos e perfumados cabelos na sua varanda. Guidobaldo era um navegador destemido que se apaixonou por Vanina e que, vendo-se impedido de casar com a sua amada, acaba por fugir com ela para bem longe do seu autoritário tutor.

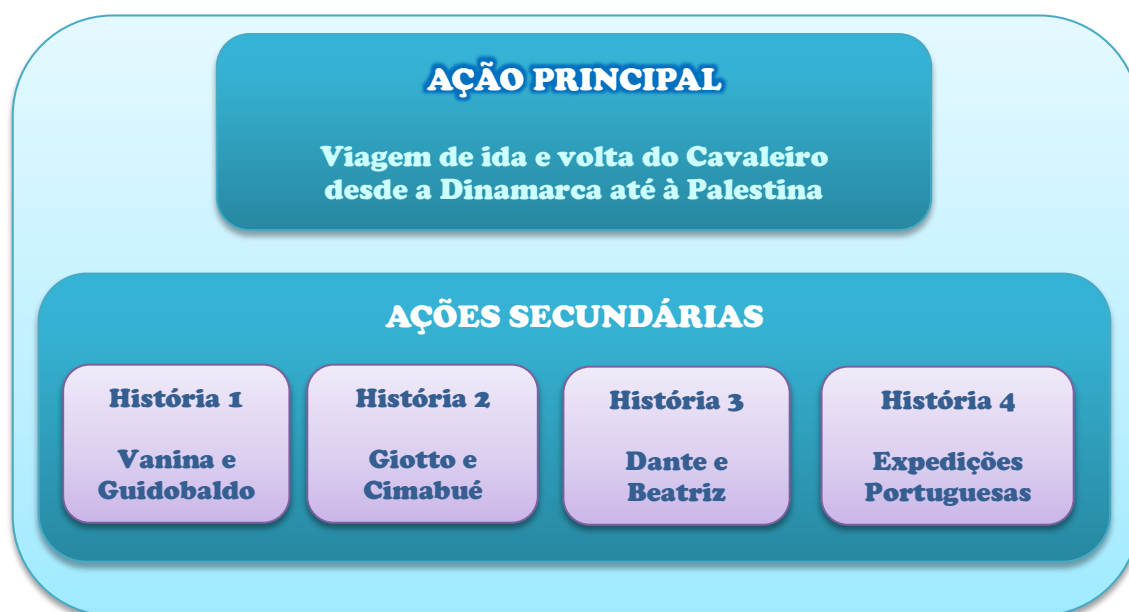


Figura 2 - Ação principal e narrativas de encaixe da obra

Esta história trata-se de uma narrativa de encaixe uma vez que surge dentro da história principal sem a influenciar, tratando-se de uma história completamente distinta da ação principal. Em *O Cavaleiro da Dinamarca*, são quatro as histórias de encaixe.

A história de Vanina e Guidobaldo é uma narrativa que, normalmente, atrai em grande medida a atenção dos alunos, pelo que são vários os exercícios e atividades que se apresentam relacionados com esta história. Continuando no Guião de Leitura (Anexo 6) e com o apoio do *PowerPoint* (Anexo 5), e depois de lidos o fragmento da obra relativo à história de

Vanina, aos alunos ser-lhes-ão atribuídas algumas tarefas, como completar um quadro sobre a estrutura desta narrativa com as frases dadas; caracterizar o estado de espírito de Vanina enquanto prisioneira de Jacob Orso; referir a atitude dos amigos de Guidobaldo quando souberam quem era a sua amada; salientar o gesto corajoso de Guidobaldo; e descrever o plano arquitetado por Guidobaldo para resgatar a sua amada. Numa fase posterior, os alunos preenchem um quadro com as características das personagens mais importantes nesta história, nomeadamente, Vanina, Guidobaldo, Arrigo e Orso, procedendo-se, assim, à sua classificação quanto à relevância na ação e identificando os diferentes tipos e processos de caracterização.

Curiosamente, o espaço físico da narrativa principal coincide com o espaço físico da narrativa secundária, no entanto, em tempos bem diferentes, pois nem sequer existe uma referência concreta relativamente ao tempo da história de Vanina, sendo o advérbio “antes” (Andresen, 2001: 13) a única referência ao tempo.

Para terminar o estudo desta narrativa secundária, são várias as atividades que os alunos poderão levar a cabo. Por exemplo, a caracterização de uma das personagens através da redação de um texto na primeira pessoa; a reformulação do desfecho, imaginando um novo final da história; a transformação de texto narrativo em texto dramático e posterior dramatização; recordar histórias célebres de amores proibidos, como a de Romeu e Julieta ou se Sanção e Dalila, comparando-as com a história de Vanina e Guidobaldo; ou até um debate subordinado ao tema “O amor vence todas as dificuldades” ou “Os jovens e o seu relacionamento com os adultos”.

Regressando à história do Cavaleiro, depois de um mês em Veneza, este decide prosseguir viagem, apesar de o mercador o ter convidado a ficar mais tempo e a associar-se aos seus negócios. O seu próximo destino seria Génova, no entanto, a conselho do mercador, fez um pequeno desvio para conhecer a cidade de Florença. Neste momento, os alunos continuam a trabalhar no seu Guião de Leitura (Anexo 6), e o professor a socorrer-se frequentemente ao *PowerPoint* sobre a viagem de regresso do Cavaleiro (Anexo 5). Em primeiro lugar, os alunos situam no tempo a chegada a Florença e, depois, resumem, utilizando as suas próprias palavras, as principais impressões sobre a cidade. De seguida, os alunos identificam as diferentes pessoas que o banqueiro Averardo, na casa de quem o Cavaleiro ficou hospedado, acolhe em sua casa e falam sobre a relevância desses mesmos convidados. Aproveitando uma descrição que a autora fez de Florença, constante no Guião de Leitura, os alunos poderão transformá-lo num texto publicitário como, por exemplo, um folheto turístico sobre a cidade, completando-o com as frases dadas no exercício.

O teor das conversas ao serão em casa de Averardo espantaram o Cavaleiro, pois o banqueiro e os seus convidados discutiam coisas sobre as quais nunca tinha pensado, como os movimentos do sol e da luz ou os mistérios do céu e da terra, bem como falavam de matemática, de filosofia, pronunciavam-se sobre o passado, o presente e o futuro, entre

tantas outras coisas que o deixaram fascinado. Ora, quando surgiu, numa das reuniões em casa do banqueiro, a referência às obras de Giotto, e parecendo-lhe ser alguém de grande importância, o Cavaleiro teve de perguntar quem era. É este o mote para o surgimento da segunda história de encaixe, que acaba por nos dar, desta vez, alguma informação temporal quando Filippo, o narrador desta história, refere que Giotto tinha sido um pintor do século anterior. Tendo Giotto nascido no século XIII e morrido do século XIV, ficamos a saber que a viagem do Cavaleiro terá decorrido no século XV.

Giotto foi um discípulo de Cimabué e tinha um talento igual ou superior ao seu mestre. Quando era criança, Giotto pintou uma mosca no nariz de uma pintura que Cimabué estava a desenvolver e estava tão bem pintada que Cimabué pensava ser real, chegando a abanar as mãos para a afastar. Por seu lado, Cimabué foi um pintor italiano com apurado sentido estético e com uma sublime sensibilidade, que ainda hoje serve de exemplo para outros pintores (Couto, 2001).

Para estudar a história de Giotto, o professor pode fazer a leitura total deste excerto e, posteriormente, os alunos retomam o Guião de Leitura para responderem a algumas questões. Em primeiro, é-lhes pedido que expliquem quem era Giotto e qual a lição que retiraram da sua história. Posteriormente, os alunos completam um resumo da história de Giotto com palavras dadas, e, para terminar, leem um diálogo entre Giotto e Cimabué e ligam cada fala às respetivas palavras do narrador, que indicam quem fala e como o fez. Com este exercício, os alunos irão rever as características dos diálogos.

Como atividades complementares ou alternativas, o docente poderá aconselhar aos seus alunos a leitura da obra *Um rapaz chamado Giotto*, de Paolo Guarnieri e Bimba Landmann, e, interdisciplinaridade com outras disciplinas, os alunos poderiam até adaptar esta história para Banda Desenhada (Couto, 2001). Por outro lado, os alunos poderiam imaginar uma entrevista histórica ou uma entrevista televisiva, imaginando que estavam a fazer uma reportagem em direto da inauguração de uma exposição de Giotto. Também no final do estudo desta narrativa se poderia recorrer a um debate em sala de aula, desta vez subordinado ao tema “Nasce-se ou aprende-se a ser artista?”.

A determinada altura, no final da história de Giotto, é feita a referência a Dante, sobre quem o Cavaleiro volta a ficar curioso, nascendo dessa curiosidade uma nova história de encaixe: a história de amor entre Dante e Beatriz. Filippo, novamente o narrador, conta que “Dante foi o maior poeta da Itália, um poeta que conhecia os segredos deste mundo e do outro, pois viu vivo aquilo que nós só veremos depois de mortos (...)” (Andresen, 2001: 24). Na verdade, trata-se de uma história sobre um rapaz de nove anos, de seu nome Dante, que se apaixonou perdidamente pela menina mais bela de Florença, Beatriz, de oito anos. No entanto, o destino revelou-se cruel e Beatriz faleceu ainda muito jovem, deixando Dante mergulhado num profundo desgosto. Numa tentativa de superar a sua perda, Dante entregou-se a uma

vida de loucuras e erros, tendo-se perdido numa floresta escura e selvagem, onde pôde tomar consciência de si depois de uma grande aventura. Apareceram-lhe três feras, um leopardo, símbolo da luxúria, um leão, símbolo da altivez, e uma loba, símbolo da mesquinhez. Todos estes símbolos remetem para o Inferno, pois o Paraíso nunca aceitaria tais pecados. Para salvar Dante, Beatriz enviou-lhe a sombra de Virgílio que o guiou até si. Com a orientação da sombra, Dante percorreu vários caminhos, passou a porta do Inferno, atravessou os nove círculos dos condenados, onde viram as almas que sofrem martírios cruéis, e, posteriormente, passou no Purgatório, onde as almas arrependidas aguardam o perdão e que as aceitem no Paraíso. No final, reencontrou-se com Beatriz no Paraíso Terrestre e esta teve a oportunidade de o consciencializar de que os pecadores sofrem, mas que os arrependidos podem ser perdoados e dignos da felicidade do Céu. Depois, pediu-lhe para regressar à Terra e que escrevesse um livro onde iria contar tudo o que viu naquele dia, o qual iria servir de ensinamento aos homens. Desta história resultou o livro *A Divina Comédia* (Couto, 2001).

Nesta altura, os alunos voltam a trabalhar no Guião de Leitura (Anexo 6), explicam o porquê de Dante ser considerado um homem invulgar e exploram o significado das palavras “Inferno”, “Paraíso” e “Purgatório”, resolvendo também um exercício em que terão de fazer corresponder estes termos e os nomes de algumas personagens aos elementos correspondentes. De seguida, preenchem um quadro com várias informações relativas à história de Dante e Beatriz, nomeadamente, terão de identificar o narrador, as personagens intervenientes; o espaço, o tempo, os acontecimentos principais e identificar o tipo de narrativa (aberta ou fechada).

A história de Dante e Beatriz cativou de tal forma o Cavaleiro que este a considerou a história mais extraordinária de sempre. E como atividades alternativas dedicadas a esta história que tanto fascinou o Cavaleiro, os alunos poderão fazer uma apresentação em mímica de algumas cenas da história, fazer uma pesquisa sobre a vida e obra de Dante, ou redigir um diálogo entre Dante e Beatriz para posterior dramatização.

O Cavaleiro resolveu ficar em casa de Averardo mais um tempo para ter a oportunidade de ouvir outras histórias e assistir a novos debates. No entanto, não se esqueceu da promessa feita à sua família e, algum tempo depois, dirigiu-se a Génova para embarcar rumo à Flandres. Devido às temperaturas altas de pleno verão ou à água não potável que tinha bebido, o Cavaleiro não chegou a embarcar por se encontrar doente. Foi neste estado que foi pedir ajuda num convento, local onde foi muito bem recebido e onde foi tratado.

Dois meses e meio depois de ter entrado no convento, onde esteve a recuperar da dura convalescença, o Cavaleiro rumou finalmente a Génova. Vendo-se impedido de embarcar para a Flandres, decidiu continuar a viagem a cavalo até Bruges, pois a última coisa que queria era não cumprir a sua promessa. Quando chegou à Flandres, o inverno já se fazia notar, havendo já muito frio e alguma neve. Em Antuérpia, usou a carta de recomendação do banqueiro

Averardo e foi muito bem recebido em casa do Flamengo. Aqui, ficou encantado com a comida, pois era condimentada com especiarias por ele desconhecidas. Ao verificar o desconhecimento do mundo novo por parte do dinamarquês, o negociante flamengo proporciona ao Cavaleiro mais um momento de fascínio, e junta à narrativa mais uma história de encaixe. Quando chega um dos capitães dos seus navios carregado com três cofres, um cheio de pérolas, outro de ouro e o último de pimenta, o Cavaleiro fica surpreendido e pede ao capitão que lhe conte histórias sobre as suas viagens. O capitão, narrador desta vez participante, narra a sua experiência de exploração da costa africana (época dos descobrimentos portugueses). A narração inclui a beleza das praias africanas e as tentativas de comunicação com os nativos, nem sempre bem-sucedidas. Nesta altura, o narrador apresenta-nos a história de Pêro Dias, derradeira história de encaixe de *O Cavaleiro da Dinamarca*.

“Mas logo que os batéis tocaram a areia os negros fugiram e desapareceram no arvoredor. - Talvez tenham tido medo por ver que nós somos muitos e eles poucos - disse um português chamado Pero Dias. E pediu aos seus companheiros que lhe deixassem um batel e embarcassem todos no outro e se afastassem da praia.” (Andresen, 2001: 39). É neste contexto que os alunos continuam a trabalhar a obra e, para tal, resolvem os exercícios propostos no Guião de Leitura (Anexo 6). Em primeiro lugar, exploram a história de Pêro Dias, ordenando-a. Em segundo lugar, analisam o motivo de admiração do moço quando diz que “o sangue deles é exatamente da mesma cor” (Andresen, 2001: 42) e exploram o sentido da cruz formada com a espada de Pêro Dias e a lança do negro, símbolo da paz e união entre as duas raças (Couto, 2001).

Na verdade, apesar das múltiplas tentativas, Pêro Dias não conseguiu estabelecer a comunicação com o indígena: ofereceu panos coloridos, socorreu-se da linguagem verbal e gestual (podendo trabalhar-se a distinção entre ambas na aula), e quando parecia que finalmente se conseguiam aproximar, um gesto inocente de Pêro Dias acabou por quebrar essa aproximação e acabaram por se matar um ao outro, devido à incapacidade de diálogo entre ambos.

Esta parte da obra pode gerar vários tipos de debate, sendo um deles sobre o racismo, o que permitirá incutir nos nossos alunos valores da cidadania, consciencializá-los das diferenças, permitindo desenvolver a competência sociocultural dos alunos. Desta forma, estaremos a contribuir para a formação pessoal e social do aluno, a prepará-lo para viver numa sociedade heterogénea, onde as diferenças não devem ser um entrave para nada e o mais importante é conhecer e só depois julgar. Outra forma de debater esta questão, mas de uma forma mais abrangente, poderia ser através da resposta à seguinte pergunta “O desconhecido: amigo ou inimigo?”. Este tema permite possibilidades infinitas, e uma das atividades possíveis seria mesmo com música, por exemplo, “Racismo é burrice” do Gabriel, o Pensador, permitindo



aos alunos refletir sobre a sua mensagem e relacioná-la com a história em estudo, atividade esta de formato mais lúdico.

Já era novembro e o Cavaleiro partiu novamente, recusando as propostas do negociante flamengo para ficar e aventurar-se em maravilhosas viagens. Como as viagens por mar estavam interditas devido ao mau tempo, o Cavaleiro teve de continuar o regresso a casa por terra, encontrando-se consciente de que não iria ser fácil e que teria de ultrapassar vários obstáculos. Os rios estavam gelados, tudo estava cheio de neve, havia cada vez mais frio e as noites chegavam depressa demais. Para analisar esta parte da obra, os alunos devem enumerar todas as dificuldades que o Cavaleiro teve de enfrentar até chegar à floresta, no dia 24 de dezembro (Anexo 6).

Apesar de todos os entraves que pareciam impedir o Cavaleiro de cumprir a sua promessa, a sua fé e a sua convicção permitiram-lhe seguir viagem. Assim, dois dias antes do Natal, o Cavaleiro chegou a uma povoação próxima da floresta que tão bem conhecia. Na madrugada do dia 24 de dezembro, começou a sua travessia por uma floresta que lhe pareceu tão estranha, fazendo o narrador uma nova descrição deste espaço de excelência na obra. O pinheiro é de novo mencionado, tratando-se de um símbolo de esperança. A reta final da viagem foi árdua e o Cavaleiro chegou a perder-se, mas sempre sem perder o alento. Vários foram os perigos que encontrou, nomeadamente, um urso e uma alcateia de lobos, mas com muita fé, e um milagre, acabou por se salvar. O Cavaleiro não desistiu mas o seu cavalo começava a perder as forças, então, rezou, rezou, até que viu uma claridade ao longe, que seguiu e, graças a ela, chegou a casa, pois a claridade que avistara era o grande abeto junto da sua casa que estava todo iluminado para guiar o Cavaleiro, com luzes colocadas pelos anjos.

Neste momento, os alunos referem, por palavras suas, o significado da tradição de iluminar o pinheiro de Natal, pois, diz-se, foi esta história que originou o hábito de enfeitar os pinheiros na noite de Natal, de modo a guiar todos os que se encontram perdidos.

### **Pós-leitura**

De modo a brindar os alunos com uma atividade mais divertida mas didática, o professor proporciona aos alunos a possibilidade de avaliarem os seus conhecimentos sobre a obra com um jogo, cujos vencedores poderão ser merecedores de um prémio. Trata-se de um jogo interativo (Anexo 7<sup>14</sup>), baseado no Jogo da Glória mas com atividades diretamente relacionadas com a obra.

Numa fase final do estudo da obra, os alunos poderão ser convidados a elaborar um itinerário da viagem do Cavaleiro, atividade que pode ser levada a cabo em interdisciplinaridade com

---

<sup>14</sup> Adaptado de *O Cavaleiro da Dinamarca, Síntese* (in <http://www.slideshare.net/paulo1966/o-avaleiro-dinamarca-sntese>)

outras disciplinas. Outra sugestão de atividade poderia ser a redação de uma notícia que dava a conhecer a viagem de regresso do Cavaleiro, ou uma entrevista fictícia ao Cavaleiro da Dinamarca. Sugere-se, também, a realização de uma reportagem sobre Jerusalém, sendo este o local que o Cavaleiro tanto queria conhecer, apesar de ter conhecido muito mais. Por último, e de modo a abandonar lentamente *O Cavaleiro da Dinamarca*, os alunos são convidados a escolherem uma das personagens da obra e escreverem um texto sobre essa personagem, desenhando o seu retrato por meio das suas palavras, seguindo as orientações presentes no Anexo 8. Toda a atividade proposta visa o desenvolvimento da expressão escrita, sendo a leitura (tanto extensiva como excertos das obras) um dos principais instrumentos para criar bons escritores. Bons leitores e bons escritores têm tudo para serem bem-sucedidos a todos os níveis, pretendendo-se, com esta proposta de leitura extensiva, participar na ampliação das capacidades dos alunos.

## **Capítulo III**

# **1 - Estágio Pedagógico de Espanhol**

## **1.1 A escola / As atividades**

O estágio pedagógico foi realizado no Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova, tanto na Escola Secundária Fernando Namora, como na Escola Básica Nº2. Ambas as escolas nos receberam de braços abertos e nos apoiaram em todas as situações, desde a direção aos colegas professores e funcionários das escolas.

O agrupamento foi criado a 2 de agosto de 2010 e situa-se na localidade de Condeixa, como o próprio nome indica, pertencente ao distrito de Coimbra. Integram o Agrupamento as seguintes catorze escolas: seis Jardins de infância, seis Escolas Básicas do 1º ciclo, a Escola básica nº 2 de Condeixa-a-Nova (2º e 3º ciclos) e a Escola secundária Fernando Namora (3º ciclo + secundário), que tem a função de Escola Sede. No presente ano letivo, 1665 alunos frequentam o Agrupamento e concretizam o serviço público de educação 188 professores do quadro e 7 professores contratados.

O Agrupamento promove vários Clubes e Projetos, nomeadamente o Eco escolas, 30 Dias 30 Livros, Parlamento dos Jovens, Educação para a Saúde, Clube de Proteção Civil, Clube Europeu, Clube Multimédia, Clube do Desporto Escolar, entre outros, que proporcionam aos alunos oportunidades de ocupação dos seus tempos livres. Com a participação nestas atividades, os alunos têm a oportunidade de consolidar e enriquecer as aprendizagens realizadas nas aulas, mas não só, pois promovem a educação para a cidadania.

Segundo estudos recentes<sup>15</sup>, o contexto sociocultural dos alunos que frequentam o Agrupamento é de nível médio baixo. Por outro lado, tem-se verificado um afastamento gradual dos pais na supervisão das atividades escolares, havendo um grande esforço por parte do agrupamento para inverter a situação através do incentivo à organização de Associações de Pais.

O Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova é uma entidade una e articulada e todas as partes conjugam esforços para que todos os alunos tenham uma educação de qualidade, que lhes permita, tanto prosseguir os seus estudos no ensino superior, como integrar o mercado de trabalho.

Com o objetivo de criar ambiente reais de aprendizagem, o Agrupamento tem reunido esforços e tem promovido iguais oportunidades para todos os alunos através de atividades educativas diferenciadas numa perspetiva de Escola Para Todos. Por outro lado, tem tomado medidas no sentido de garantir a disciplina na sala de aula, de acordo com o estatuto do

---

<sup>15</sup> Informação recolhida de “Projeto Educativo 2011-2015”, Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova, 2012.

aluno e o regulamento interno do agrupamento. Ambas as escolas frequentadas pelo Núcleo de Estágio apresentavam instalações e equipamentos escolares preservados, proporcionando espaços de trabalho para alunos e pessoal docente confortáveis e funcionais.

Foi possível constatar, também, que o Agrupamento promove a aquisição de competências digitais, tanto por parte dos alunos como dos docentes, incentivando a diversificação de metodologias de ensino e de atividades. Por outro lado, proporciona, com frequência, momentos de consolidação de competências básicas de leitura, escrita e interpretação, nomeadamente com a organização de palestras, como já referido neste relatório.

De modo a que os alunos se sintam plenamente integrados e envolvidos, o Agrupamento pede a colaboração dos alunos na divulgação das atividades promovidas pelas escolas e reconhece todo o seu esforço, todo o seu empenho e os excelentes resultados escolares através dos Quadros de Valor e de Mérito.

O Núcleo de Estágio participou ativamente na elaboração do Plano Anual de Atividades da área do Espanhol, planificando a participação dos alunos em diferentes atividades ligadas ao mundo hispânico. No primeiro período, foram organizadas diversas atividades comemorativas do Dia da Hispanidade. O dia 12 de outubro é uma data muito importante em todo o mundo hispânico, tratando-se do dia em que Cristóvão Colombo pensou ter chegado à Índia quando, na verdade, tinha acabado de descobrir o continente americano, tendo os espanhóis tido a oportunidade de expandir a sua língua e cultura. Foram, então, realizadas várias atividades de modo a apresentar o mundo hispânico à comunidade escolar, nomeadamente uma exposição de livros e objetos relacionados com a cultura hispânica, com a colaboração das Bibliotecas da Escola Básica nº2 e da Escola Secundária Fernando Namora. Foi realizada, também, pelo núcleo de estágio, uma mostra gastronómica na sala de professores da Escola Básica nº2, bem como uma exposição com informação específica sobre a colonização europeia das Américas, e de trabalhos realizados pelos alunos do 7ºF do 8ºE, com vários monumentos e celebridades representantes dos países de língua espanhola. Por outro lado, foram apresentados pequenos filmes sobre Espanha e com música em castelhano durante os intervalos, e distribuídos caramelos aos alunos.

Logo no final do primeiro período, o núcleo de estágio começou a planear uma “Cabalgata”, de modo a comemorar o Dia de Reis, um dia muito importante para as crianças Espanholas. Por este motivo, e para que os alunos de Espanhol pudessem vivenciar um pouco esta tradição, no dia 6 de janeiro de 2014, alguns alunos do 7º Ano desempenharam o papel de Reis Magos, de Estrela e de Pajem, tendo passado por várias salas de aula, onde distribuíam caramelos ou “carbón de reyes”, de acordo com o comportamento dos alunos. Foi preparado um diálogo que os alunos teriam de representar, tendo havido interação em Espanhol durante a atividade. Desta forma, foi possível conjugar a componente sociocultural à componente linguística.

No terceiro período, foi planeada uma palestra para o Dia do Livro, com a colaboração da Professora Doutora Maria da Graça Sardinha, amplamente referida neste relatório, cujo tema apresentado foi “A literatura infanto-juvenil e a competência sociocultural: o caso do Português e do Espanhol”.

## 2- As turmas

Durante o Estágio de Espanhol no Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova, as aulas assistidas foram ministradas a turmas de 7º e 8º Anos de escolaridade. No primeiro período escolar, foram preparadas e lecionadas duas aulas assistidas ao 7ºE e duas aulas ao 8ºF. No segundo período, foram preparadas e lecionadas duas aulas ao 7ºE e uma ao 8ºD. Por fim, no terceiro período escolar, foram preparadas e lecionadas duas aulas, uma ao 7ºE e outra ao 8ºE.

O contacto mais frequente terá sido com o 7ºE, uma turma constituída por vinte alunos, 12 raparigas e 8 rapazes, todos residentes no concelho de Condeixa-a-Nova. A nível de conhecimento da língua espanhola, os alunos apresentavam um nível elementar ainda em construção, identificado com o nível A1 no *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QECR)<sup>16</sup>, ou seja, os alunos estão a aprender a “compreender e usar expressões familiares e quotidianas, assim como enunciados muito simples, que visam satisfazer necessidades concretas.”. Encontram-se a aprender a “apresentar-se e apresentar outros e é capaz de fazer perguntas e dar respostas sobre aspetos pessoais como, por exemplo, o local onde vive, as pessoas que conhece e as coisas que tem. Pode comunicar de modo simples, se o interlocutor falar lenta e distintamente e se mostrar cooperante.”

As turmas do 8º ano encontram-se entre o nível A1 e o nível A2, segundo o QECR, ou seja, os alunos podem “compreender e usar expressões familiares e quotidianas, assim como enunciados muito simples, que visam satisfazer necessidades concretas. Pode apresentar-se e apresentar outros e é capaz de fazer perguntas e dar respostas sobre aspetos pessoais como, por exemplo, o local onde vive, as pessoas que conhece e as coisas que tem. Pode comunicar de modo simples, se o interlocutor falar lenta e distintamente e se mostrar cooperante.” A turma do 8ºF é constituída por 16 alunos, o 8ºD é formado por 20 elementos e a turma do 8ºE apresenta 17 alunos na sua constituição.

De um modo geral, os alunos revelaram uma fácil adaptação às professoras estagiárias, revelando hábitos de estudo e uma postura correta na sala de aula. O comportamento destes alunos foi sempre muito satisfatório e, talvez reforçado pela presença de várias professoras na mesma aula, sempre foram muito obedientes, respeitadores e responsáveis. Revelaram sempre muito interesse pela aprendizagem e participaram ativamente nas atividades sugeridas.

---

<sup>16</sup> In *Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas- Aprendizagem, ensino, avaliação* (QECR), tradução de Maria Joana Pimentel do Rosário e Nuno Verdial Soares, Edições Asa, 2001, (in <http://www.dgic.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=88>)

### **3- Aulas assistidas e reflexão individual**

Propomo-nos, neste momento, apresentar as planificações das aulas assistidas durante o Estágio de Espanhol no Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova, bem como uma reflexão pessoal depois de cada uma. No total, foram preparadas e ministradas nove aulas, todas elas assistidas, contudo, seguindo as diretrizes da orientadora, foram seleccionadas seis, que claramente representam o trabalho realizado durante este ano letivo.





## Planificación de clase

Año lectivo de 2013/14



Alumna en prácticas: Ana Lúcia da Mota Mendes

Fecha: jueves, 31 de octubre de 2013	Clases nº 20 y 21
Curso /clase: 7º E	Nivel: 1 (elemental - A1)
Nº de alumnos: 20	Período de ejecución: 90 minutos
Libro adoptado: ¡Ahora Español! 1, Areal	Unidad: ¿Cómo eres?
<b>Sumario:</b> Explotación didáctica de dos <i>PowerPoint</i> : género y grado de los adjetivos; los artículos determinados. Visionado y explotación de dos videos: “Prueba de fuerza” y “Día de los Muertos”.	

#### a) Temas:

⇒ Descripción física y de carácter

#### b) Objetivos generales:

- ⇒ Desarrollar la comprensión y expresión orales;
- ⇒ Desarrollar la expresión escrita;
- ⇒ Aplicar el léxico aprendido;
- ⇒ Rellenar documentos escritos;
- ⇒ Desarrollar hábitos de participación oral organizada.

#### c) Objetivos específicos:

- ⇒ Comprender la formación del femenino de los adjetivos;
- ⇒ Aprender y aplicar las estructuras comparativas;
- ⇒ Comprender dos videos;

#### d) Plan de contenidos y destrezas

Unidad didáctica	Contenido Léxico	Contenido Funcional	Contenido Gramatical	Contenido Cultural	Destrezas
¿Cómo eres?	Actividades y lugares de ocio;  Adjetivos de carácter.	Describir físicamente;  Hablar del carácter;  Comparar.	Género de los adjetivos;  Artículos determinados;  Estructuras comparativas.	Viñetas de Quino;  El Día de los Muertos;	Comprensión oral y escrita;  Expresión oral y escrita;  Interacción oral.

#### e) Metodología

- La profesora empieza la clase saludando a los alumnos y presentándose. Luego entrega una tarjeta de identificación a cada alumno para que pueda saber sus nombres durante la clase (ANEXO 9). Para establecer un diálogo y romper el hielo, pregunta a los alumnos si han sacado buenas notas en el examen y si están contentos con los resultados obtenidos. Mientras hace

las preguntas, la profesora escribe, en la pizarra, las siguientes expresiones: “la nota”, “el examen”, “los resultados” y “las clases de español”. Después, los alumnos identifican la clase de las palabras subrayadas, su género y número. (4 minutos)

- Posteriormente, la profesora proyecta un *Prezi* (ANEXO 10). Los alumnos leen las conversaciones de las dos viñetas presentadas y se les pide que identifiquen los artículos determinados. Si necesario, se hace la distinción entre los artículos determinados y los indeterminados. La profesora aclara que el término “computadora” no suele ser utilizado por un hablante español, siendo una palabra utilizada en los países de América Latina. (4 minutos)

- Después de aclarados los artículos, la profesora entrega una ficha a los alumnos con ejercicios de aplicación (ANEXO 11). El ejercicio 1 se ejecuta de forma colectiva, con la proyección del ejercicio en el *Prezi*, y la corrección inmediata de los compañeros de clase y de la profesora. El ejercicio 2 es realizado en parejas y las frases propuestas por los alumnos son registradas y corregidas en la pizarra. Como consolidación y como deberes, se les pide a los alumnos que realicen los ejercicios 4 y 5 de la página 33 del manual. (14 minutos)

- A continuación, la profesora utiliza una de las frases de los alumnos como “puente” para empezar la presentación del femenino de los adjetivos. Luego, proyecta en la pantalla un *PowerPoint* (ANEXO 12), en que se basará para presentar el femenino de los adjetivos. Durante la presentación, la profesora pide la intervención de los alumnos para que intenten adivinar las características de los Pitufos según las imágenes y el femenino correspondiente, y solicita la colaboración de los alumnos en la comprensión de las reglas de formación del femenino de los adjetivos. (9 minutos)

- Subsiguientemente, la docente reparte una ficha de trabajo (ANEXO 13) y se les pide a los alumnos que rellenen los espacios en blanco con el adjetivo adecuado, siguiendo las descripciones ya dadas sobre los chicos de las imágenes. Los alumnos tienen 3 minutos para realizar el ejercicio y pueden consultar las reglas en el manual. Tras la realización de la tarea, la profesora empieza la corrección del ejercicio y solicita a los alumnos que hagan el ejercicio 3 de la página 32 del manual como deberes. (9 minutos)

- Posteriormente será proyectado un nuevo *PowerPoint* (ANEXO 14). La profesora presenta a Mafalda, personaje principal de las viñetas de Quino, y pregunta a los alumnos: “*Conocéis a este personaje?, ¿Cómo caracterizaríais a Mafalda?* Con esta introducción, se empieza la presentación de las partículas comparativas de inferioridad, de igualdad y de superioridad. Son así exhibidos algunos ejemplos de esta estructura con los personajes de Quino, terminando con un juego en que a los alumnos se les pide que comparen personajes y sus características. (15 minutos)

- Como consolidación, se les solicita a los alumnos que resuelvan los ejercicios 6 y 7 de la página 33 del manual, ejercicios corregidos oralmente por la profesora. (5 minutos)
- Tras la corrección de los ejercicios, la profesora proyecta un video (disponible en: <http://www.youtube.com/watch?v=t7utXxJI6U>), que los alumnos deben ver y escuchar con toda la atención. Al final, se les solicita a los alumnos que comenten el video utilizando lo que han aprendido sobre el género y el grado de los adjetivos, funcionando así como actividad de consolidación de los contenidos tratados en toda la clase y en clases anteriores. La profesora registra algunas de las frases de los alumnos en la pizarra. (10 minutos)
- Para terminar la clase, los alumnos conocen al personaje principal de una pequeña película sobre el Día de los Muertos a través de un nuevo *PowerPoint* (ANEXO 15). Los alumnos contestan a las preguntas presentes en el *PowerPoint* sobre la chica, pero la respuesta a la última pregunta solamente se encuentra en el video. En este momento, empieza la proyección de una pequeña historia sobre el Día de los Muertos (disponible en: <http://www.youtube.com/watch?v=jCQnUuq-TEE>). Tras el visionado del video, la profesora proyecta un otro *PowerPoint* (ANEXO 16), con nuevas preguntas sobre la película y, al final, direccionadas para el Día de los Muertos, con el objetivo de que los alumnos conozcan la importancia de este día, sobre todo para los mexicanos. (15 minutos)
- La profesora pide a un alumno para escribir la fecha y el número de la lección en la pizarra. Después, la profesora escribe el sumario y los alumnos se lo copian para su cuaderno. (5 minutos)

#### **f) Recursos**

- ⇒ Pizarra;
- ⇒ Tiza;
- ⇒ Cuaderno individual;
- ⇒ Ordenador;
- ⇒ Proyector de vídeo;
- ⇒ Imágenes y videos sacados de Internet;
- ⇒ Fotocopias (fichas);
- ⇒ Manual adoptado (*¡Ahora Español! 1*, Areal).

#### **g) Evaluación**

Observación directa y continua:

- ↳ de la comprensión oral;
- ↳ de la expresión oral;
- ↳ de la aplicación de conocimientos;
- ↳ del interés;
- ↳ del empeño;
- ↳ del espíritu de iniciativa;
- ↳ de la autonomía;
- ↳ del comportamiento.

## **REFLEXÃO FINAL**

---

Terminada a aula, senti que, em geral, correu bem, muito perto das expectativas, apesar da planificação muito longa para noventa minutos. A planificação inicial não incluía a atividade sobre o "Día de los Muertos", mas como tive conhecimento de um vídeo muito bonito sobre o tema um dia ou dois antes da aula, decidi apresentá-lo em aula, sem muitas alterações na planificação inicial. Por essa razão, mesmo tendo tentado até ao último momento, não tive tempo para trabalhar o tema em aula.

Alguns inesperados sempre acontecem e esta aula não foi exceção. Como tinha muitas atividades para pouco tempo, numa situação normal teria passado mais tempo a corrigir alguns exercícios individualmente.

Tive a preocupação de preparar uma aula com um fio condutor, preparando pontes entre as diferentes atividades e conteúdos. Foi, essencialmente, uma aula dedicada a conteúdos gramaticais, mas tentei introduzir vocabulário e conteúdo cultural, como adjetivos e vinhetas do Quino.

Em relação ao domínio do espanhol, tenho consciência de uma fragilidade: tenho a tendência de usar a forma verbal de "usted" quando se deve aplicar a forma verbal de "vosotros". Penso que a razão se prende ao facto de dar aulas essencialmente a adultos a nível profissional, e é algo que tenho de trabalhar de modo a melhorar a prática letiva.

Concluindo, considero que a aula foi muito positiva, tendo em consideração tratar-se da primeira aula assistida. Os alunos participaram muitas vezes, parecendo uma turma muito agradável, com alunos muito educados e que se adaptaram muito bem às atividades propostas.



## Planificación de clase

Año lectivo de 2013/14



Alumna en prácticas: Ana Lúcia da Mota Mendes

Fecha: martes, 19 de noviembre de 2013	Clase nº 28 y 29
Curso /clase: 8ºF	Nivel: 2 (elemental - A2)
Nº de alumnos: 16	Período de ejecución: 90 minutos
Libro adoptado: <i>Español 2</i> , Porto Editora	Unidad: ¿Cómo te sientes?
<b>Sumario:</b> El cuerpo y las enfermedades: vocabulario y expresiones idiomáticas. Lectura y explotación del texto “Me he puesto enfermo”. Pretérito Perfecto: ejercicios de consolidación.	

**a) Tema:**

⇒ Estado de salud: síntomas y enfermedades.

**b) Objetivos generales:**

- ⇒ Desarrollar la comprensión y expresión orales;
- ⇒ Desarrollar la comprensión y expresión escritas;
- ⇒ Rellenar documentos escritos;
- ⇒ Identificar información específica;
- ⇒ Seleccionar léxico y estructuras lingüísticas;
- ⇒ Desarrollar hábitos de participación oral organizada y la cooperación.

**c) Objetivos específicos:**

- ⇒ Aplicar el léxico estudiado en la unidad;
- ⇒ Aplicar los contenidos gramaticales aprendidos;
- ⇒ Reconocer los verbos en el Pretérito Perfecto y su utilización;
- ⇒ Recordar y consolidar el léxico relacionado con el cuerpo humano;

**d) Plan de contenidos y destrezas**

Unidad didáctica	Contenido Léxico	Contenido Funcional	Contenido Gramatical	Contenido Cultural	Destrezas
<i>¿Cómo te sientes?</i>	El cuerpo humano;  Expresiones idiomáticas con partes del cuerpo;  Síntomas y enfermedades.	Hablar del estado de salud;  Hablar del pasado cercano.	Pretérito Perfecto.	Expresiones idiomáticas;  Chistes de médico.	Comprensión oral;  Comprensión lectora;  Expresión oral y escrita;  Interacción oral.

#### **d) Metodología**

- La profesora empieza la clase saludando a los alumnos y presentándose. Inmediatamente después, entrega una tarjeta de identificación a cada alumno para que pueda saber sus nombres durante la clase (ANEXO 17). Luego, la profesora pide a un alumno que escriba la fecha y el número de la lección en la pizarra. (5 minutos)
- Para establecer un diálogo inicial con los alumnos y buscar una conexión con la clase anterior, la profesora pregunta a los alumnos de qué hablaba el texto que han escuchado en la clase anterior. Se supone que los alumnos citen el texto “En el gimnasio” y su personaje, Tere, la chica que se dice ser gorda y que quiere hacer ejercicio físico para adelgazar y para sentirse sana. Posteriormente, se les pide a los alumnos que relacionen el texto con el refrán “A barriga llena, corazón contento”, frase que es proyectada en un *PowerPoint* (ANEXO 18). Después, la profesora proyecta otros refranes que algunos alumnos (voluntariamente) leen en voz alta. Para cada refrán, la profesora pide a los alumnos que indiquen el equivalente en su lengua materna, siguiendo la identificación de las partes del cuerpo. (10 minutos)
- Aunque no se trate de un contenido nuevo, las partes del cuerpo son muy importantes cuando se estudian las enfermedades, y por eso, la profesora reparte una ficha a los alumnos (ANEXO 19) y les pide que hagan corresponder el léxico de las partes del cuerpo a los espacios dados en la imagen, sirviendo como actividad de repaso. Se hace la corrección interactiva con el apoyo del *PowerPoint* (ANEXO 4). (10 minutos)
- A continuación, la profesora informa a los alumnos que hay también algunas expresiones idiomáticas, tanto en portugués como en español, que utilizan las partes del cuerpo y conduce a los alumnos, con la ayuda de gestos, a la expresión “Hablar por los codos”. En este momento, se proyectan algunas expresiones idiomáticas que incluyen las partes del cuerpo (ANEXO 20). A continuación, se les pide a los alumnos que realicen el ejercicio de la página 2 de la ficha repartida anteriormente (ANEXO 19), con el objetivo de que los alumnos consigan hacer corresponder las expresiones idiomáticas con su significado. (10 minutos)
- Posteriormente, la profesora proyecta de nuevo la imagen con el refrán “A barriga llena, corazón contento” y cuestiona a los alumnos si la frase corresponde a la realidad, ya que una persona que come mucho no se supone muy sana, perjudicando las condiciones de su corazón y de otras partes del cuerpo. De esta forma, la profesora introduce el texto “Me he puesto enfermo”, ya que presenta un chico que se encuentra enfermo por comer muchos alimentos poco sanos. Se reparte la ficha con el texto a los alumnos (ANEXO 21). (5 minutos)
- A continuación, los alumnos escuchan la lectura del texto (ANEXO 22) y luego se pide a algunos alumnos para leerlo de modo expresivo, a semejanza de una dramatización. Después, se pide a los alumnos que hagan una búsqueda de vocabulario del campo lexical de la salud/enfermedades en el texto. Se espera que los alumnos citen vocablos o expresiones



como: “enfermo”, “médico”, “dieta”, “quede en la cama”, “repose”, “doctor”, “gordo”. Por último, los alumnos hacen los ejercicios 2 y 3, con el objetivo de aclarar algunas frases más susceptible de plantear obstáculos a la comprensión inequívoca del mensaje, y completan algunas frases con información del texto. (22 minutos)

- El segundo objetivo de la elección de este texto se une con la comprensión y consolidación de un contenido gramatical: el pretérito perfecto de indicativo. Como se trata de un contenido gramatical estudiado en las clases anteriores, se cree que la mayoría de los alumnos sabrá identificarlo. Por eso, para los ejercicios 4 y 4.a, los alumnos deben procurar en el texto las ocho formas verbales en el pretérito perfecto y explicar cómo se forma. (5 minutos)

- La ficha de trabajo contiene también un tebeo ilustrando una cita entre un médico y un paciente (ejercicio 5). Los alumnos hacen una lectura silenciosa del diálogo y después, con base en los bocadillos, los alumnos deben realizar un ejercicio donde se explicitan informaciones sobre el uso del pretérito perfecto. Al final, los alumnos leen de forma expresiva el diálogo que han analizado. (8 minutos)

- Para terminar la clase de una forma divertida, sin olvidar los objetivos didácticos, se presentan algunos chistes en un *PowerPoint* (ANEXO 23). La profesora hace la primera lectura de cada chiste, después comprueba su comprensión por parte de los alumnos y, si necesario, pide a los alumnos que han entendido el chiste para explicarlo a los que no lo han entendido. Después de comprendido, los alumnos realizan una lectura dramatizada del chiste. Con los chistes más cortos y simples, los alumnos realizan la primera lectura, para que la actividad se figure diferente. (10 minutos)

- Al final, la profesora reparte a los alumnos una ficha recapitulativa con todos los refranes y los chistes vistos en la clase (ANEXO 24), para que los alumnos puedan compartir estos contenidos con otros compañeros o con su familia.

- La profesora pide la colaboración de los alumnos en la redacción del sumario. El alumno que ha escrito el número de la clase y la fecha, escribe ahora el sumario y los alumnos se lo copian para el cuaderno. (5 minutos)

#### **f) Recursos**

- ⇒ Pizarra;
- ⇒ Tiza;
- ⇒ Cuaderno individual;
- ⇒ Ordenador;
- ⇒ Proyector de vídeo;
- ⇒ Audio del texto;

- ⇒ Fotocopias (fichas);
- ⇒ Manual adoptado (*Español 2*, Porto Editora).

### **g) Evaluación**

Observación directa y continua:

- ⇒ de la comprensión oral;
- ⇒ de la expresión oral;
- ⇒ de la aplicación de conocimientos;
- ⇒ del interés;
- ⇒ del empeño;
- ⇒ del espíritu de iniciativa;
- ⇒ de la autonomía;
- ⇒ del comportamiento.

### **REFLEXÃO FINAL**

---

Preparei esta aula com um grande prazer, uma vez que trabalhei um tema de que gosto em particular e que me deu alguma liberdade para escolher os materiais e a ordem das atividades. Para saber como iniciar a aula, assisti à aula anterior, dada pela orientadora, o que me ajudou a fazer a "ponte" com esta aula. Comecei a aula com alguns provérbios, conteúdo que geralmente agrada aos alunos, o que não foi exceção neste dia. No entanto, não consigo explicar o porquê, mas senti-me momentaneamente bloqueada durante a apresentação dos referidos provérbios. Julgo que o tempo condicionou a parte inicial da aula, mas o objetivo principal, que era a introdução / lembrar as partes do corpo, foi atingido.

O início da aula foi mais contido, mas, em geral, o desenvolvimento das atividades foi o esperado, os alunos estavam muito participativos e colaboradores. Considero que a aula estava bem organizada, com o apoio da orientadora, com materiais adequados, interessantes e sugestivos para estes alunos.

A planificação era muito extensa, no entanto, sinto-me mais confiante tendo materiais a mais, que poderão ser usados em aulas posteriores, como já aconteceu. Neste caso, não tive tempo para trabalhar as anedotas, mas entreguei a ficha aos alunos para que pudessem partilhar com sua família e amigos.

Em geral, o desenvolvimento da aula foi muito positivo. Os alunos adaptaram-se bem, mantendo-se bastante participativos e trabalhadores durante a aula. Concluo, dizendo que senti ter sido uma aula muito proveitosa e que os alunos aprenderam e reviram os conteúdos propostos de forma consistente.



## Planificación de clase

Año lectivo de 2013/14



Alumna en prácticas: Ana Lúcia da Mota Mendes

Fecha: jueves, 21 de noviembre de 2013	Clase nº 30
Curso /clase: 8º F	Nivel: 2 (elemental - A2)
Nº de alumnos: 16	Período de ejecución: 45 minutos
Libro adoptado: <i>Español 2</i> , Porto Editora	Unidad: ¿Cómo te sientes?
<b>Sumario:</b> Consolidación del vocabulario de la unidad. El verbo “doler”. Visionado y explotación del video “El médico cubano”. Los falsos amigos.	

#### a) Temas:

⇒ Estado de salud.

#### b) Objetivos generales:

- ⇒ Desarrollar la comprensión y expresión orales;
- ⇒ Desarrollar la comprensión y expresión escritas;
- ⇒ Rellenar documentos escritos;
- ⇒ Identificar información específica;
- ⇒ Desarrollar hábitos de participación oral organizada y la cooperación.

#### c) Objetivos específicos:

- ⇒ Comprender y aplicar la conjugación del verbo “doler”;
- ⇒ Consolidar el léxico relacionado con el cuerpo humano y las enfermedades;
- ⇒ Reconocer y aplicar “falsos amigos”.

#### d) Plan de contenidos y destrezas

Unidad didáctica	Contenido Léxico	Contenido Funcional	Contenido Gramatical	Contenido Cultural	Destrezas
¿Cómo te sientes?	Estado de salud;  Partes del cuerpo;  Falsos amigos.	Hablar del estado de salud;  Expresar dolor.	Verbo “doler”.	Los falsos amigos;  Chistes.	Comprensión oral y escrita;  Expresión oral y escrita;  Interacción oral.

#### e) Metodología

- La profesora empieza la clase saludando a los alumnos y entregando la misma tarjeta de identificación de los alumnos utilizada en la última clase, como forma de rentabilizar el tiempo. Luego, la profesora pide a un alumno que escriba la fecha y el número de la lección en la pizarra. (4 minutos)

- Para empezar la clase, la profesora pregunta a los alumnos cuáles son los contenidos vistos en la última clase. Se supone que los alumnos citarán las partes del cuerpo, la salud, los refranes y las expresiones idiomáticas, así como también algunos chistes de médico que les han sido entregados al final de la clase anterior, pero que no han sido vistos por falta de tiempo. La profesora proyecta dos de los chistes (ANEXO 25), llamando la atención sobre el verbo “doler”. Después, trabaja con los alumnos la dinámica del verbo “doler”, informando a los alumnos que esta dinámica es semejante al portugués y a la dinámica del verbo “gustar”. La profesora reparte a los alumnos una ficha con información y ejercicios sobre este verbo, que sirve asimismo como consolidación de los contenidos de la unidad (ANEXO 26). Los ejercicios son corregidos de forma interactiva en el *PowerPoint*. (8 minutos)
- Como “puente” con la actividad siguiente, la profesora pregunta a los alumnos si suelen ir al médico y qué enfermedades han tenido. Mientras los alumnos terminan su intervención, la profesora explica que van a visionar un pequeño video sobre el tema discutido y usa un *PowerPoint* con los alumnos (ANEXO 27), que sirve de introducción visual al video, también con el objetivo de provocar el interés del alumno. Después, los alumnos ven al video (ANEXO 28), que retrata una cita entre una paciente portuguesa y un médico cubano, una situación divertida que genera malentendidos a causa de utilización de algunos falsos amigos. De esta forma, se enfoca el contraste lingüístico entre la lengua materna y la lengua meta, creyendo que, con la identificación de las diferencias, se pueden evitar interferencias. (8 minutos)
- Terminado el primer visionado, el profesor promueve actividades de desarrollo de la comprensión escrita. Así, los alumnos contestan a algunas preguntas presentes en el *PowerPoint* (ANEXO 27). Luego, se pide a los alumnos que vean otra vez el video, ahora con la intención de identificar los falsos amigos inhibidores de la comunicación. Después de visionado el video y de citados los falsos amigos, la profesora reparte a los alumnos una nueva ficha (ANEXO 29), en que los alumnos deben hacer corresponder los falsos amigos a su verdadero significado. (12 minutos)
- Terminada la explotación de las palabras en el video que han dificultado la comunicación entre el médico y la paciente, se continúa la explotación de otros falsos amigos. En ese momento, se promueve la expresión oral con la resolución de ejercicios del *PowerPoint* (ANEXO 27), y la comprensión y expresión escrita con ejercicios en la ficha. La corrección de los ejercicios se hace de forma interactiva en el *PowerPoint*. (8 minutos)
- Como forma de finalizar la clase, la profesora pide al alumno que ha escrito el número de la clase y la fecha para escribir el sumario. Su contenido es decidido con la colaboración de los alumnos. 5 minutos)

#### f) Recursos

- ⇒ Pizarra;
- ⇒ Tiza;
- ⇒ Cuaderno individual;
- ⇒ Ordenador;
- ⇒ Proyector de vídeo;
- ⇒ Video sacado de Internet;
- ⇒ Fotocopias (fichas);
- ⇒ Manual adoptado (*Español 2*, Porto Editora).

#### g) Evaluación

- |                                      |                               |
|--------------------------------------|-------------------------------|
| Observación directa y continua:      | ↳ del empeño;                 |
| ↳ de la comprensión oral;            | ↳ del espíritu de iniciativa; |
| ↳ de la expresión oral;              | ↳ de la autonomía;            |
| ↳ de la aplicación de conocimientos; | ↳ del comportamiento.         |
| ↳ del interés;                       |                               |

#### REFLEXÃO FINAL

---

Começo por referir um aspeto que me pareceu muito positivo nesta aula, que foi o facto ter sido a professora na aula anterior, o que me deu a oportunidade de desenvolver um tema em duas aulas, e apresentar o vídeo com o médico cubano, uma atividade lúdica e didática, com o uso de vocabulário introduzido na unidade e com falsos amigos, um conteúdo que considero sempre pertinente e interessante.

A aula foi muito agradável, tanto para mim como para os alunos, sendo esse um dos objetivos. Parece-me muito importante que os alunos gostem da língua que estão a aprender e das aulas onde se realiza essa aprendizagem, por isso, as atividades divertidas podem ser opções adequadas.

Com apenas 45 minutos de aula, tentei trabalhar um conteúdo gramatical simples, o que me permitiu combiná-lo com outros conteúdos, nomeadamente lexicais. Tentei usar um fio condutor entre todas as atividades e conteúdos, e sinto que o resultado foi positivo. A interação com os alunos foi melhor nesta aula, mais espontânea, em comparação com a aula anterior. Os alunos participaram, com frequência e corretamente, mesmo durante a primeira atividade com os falsos amigos, que não se revelava muito fácil para este nível.



## Planificación de clase

Año lectivo de 2013/14



Alumna en prácticas: Ana Lúcia da Mota Mendes

Fecha: jueves, 30 de enero de 2014	Clases nº 51 y 52
Curso /clase: 7º E	Nivel: 1 (elemental - A1)
Nº de alumnos: 20	Período de ejecución: 90 minutos
Libro adoptado: ¡Ahora Español! 1, Areal	Unidad: Ven a divertirte
<b>Sumario:</b> Explotación didáctica de un <i>PowerPoint</i> sobre gustos y preferencias. Visionado del video “¿Al cine o a tomar algo?” y resolución de una ficha de explotación. Los verbos “gustar”, “interesar” y “encantar”: formas, uso y ejercicios. Diálogos en parejas. Redacción de una carta.	

#### a) Temas:

⇒ Actividades de ocio

#### b) Objetivos generales:

- ⇒ Desarrollar la comprensión y expresión orales;
- ⇒ Desarrollar la expresión y comprensión escrita;
- ⇒ Aplicar el léxico aprendido;
- ⇒ Desarrollar hábitos de participación oral organizada.

#### c) Objetivos específicos:

- ⇒ Aprender y aplicar las estructuras para expresar gustos y preferencias;
- ⇒ Comprender la sintaxis de los verbos *gustar*, *interesar* y *encantar*;
- ⇒ Comprender un video (muestra real de lengua);
- ⇒ Extraer información específica del video;
- ⇒ Aprender y aplicar léxico para hablar sobre actividades de ocio.

#### d) Plan de contenidos y destrezas

Unidad didáctica	Contenido Léxico	Contenido Funcional	Contenido Gramatical	Contenido Cultural	Destrezas
<i>Ven a divertirte</i>	Actividades de ocio;  Gustos y preferencias.	Expresar gustos y preferencias;  Hablar de actividades de ocio.	Presente de indicativo de los verbos <i>gustar</i> , <i>interesar</i> y <i>encantar</i> .	Tiempos libres de los jóvenes españoles.	Comprensión oral y escrita;  Expresión oral y escrita;  Interacción oral.

#### e) Metodología

- La profesora principia la clase saludando a los alumnos y pide a uno de ellos que escriba la fecha y el número de la lección en la pizarra. Mientras tanto, la profesora entrega una tarjeta de identificación a cada alumno para que pueda recordar sus nombres durante la clase (tarjetas utilizadas en clases anteriores). Para establecer un diálogo inicial, la profesora



pregunta a los alumnos de qué han hablado en la última clase. Se supone que los alumnos citen algunas actividades de ocio. (5 minutos)

- Posteriormente, la profesora proyecta un *PowerPoint* (Anexo 30). Como forma de atraer la atención de los alumnos, es proyectada una fotografía y los alumnos intentan adivinar quién es. La fotografía es de la profesora y sirve para presentar los gustos y preferencias en primera persona del singular. Después, a los alumnos se les pide que adivinen los gustos de la profesora, con la ayuda de imágenes, permitiendo que los alumnos contacten con la forma del verbo *gustar*. Posteriormente, con frases sobre los gustos de los alumnos y usando sus fotografías, se destacan otras formas del verbo *gustar* (excluyendo la primera persona del singular). Se trata de una actividad de reflexión informal sobre la estructura de las frases presentadas, haciéndose la comparación con el verbo “agradar” en portugués, una vez que presenta un funcionamiento similar. (10 minutos)

- Posteriormente, la profesora reparte una ficha (Anexo 31) a los alumnos y les hace algunas preguntas sobre sus actividades de tiempo libre preferidas, de modo a contestar a la primera pregunta de la ficha. (4 minutos)

- Para que los alumnos contacten con muestras reales de lengua, se presenta un pequeño video (Anexo 32), en el que algunos jóvenes madrileños hablan de las actividades que prefieren hacer en su tiempo libre. El video es adecuado al tema y al nivel por la presencia de subtítulos, que ayudarán a los alumnos a comprender mejor lo que se dice, y por la presencia de información cultural sobre Madrid, y sobre España en general. Visionado el video, se les pide a los alumnos para comentarlo, contestando a las preguntas “¿Cómo ocupan los madrileños su tiempo libre?” y ¿Te parece que los jóvenes portugueses tienen hábitos semejantes? (Anexo 31, Ejercicio 2). (4 minutos)

- Posteriormente, los alumnos visionan el video por segunda vez, ahora con el objetivo de rellenar la tabla del ejercicio 3 (Anexo 31), con información del video: espacios, actividades y momentos del día referidos. Si necesario, los alumnos ven el video por tercera vez. Al final, se hace la corrección del ejercicio con las respuestas de los alumnos proyectadas en un *Powerpoint* (Anexo 33). (10 minutos)

- Tratándose de una clase sobre las actividades de ocio, los alumnos podrán conocer otras actividades a través del ejercicio 4 (Anexo 31), en que actividades ya conocidas se encuentran mezcladas con otras nuevas para los alumnos. Los alumnos deben hacer la correspondencia entre las imágenes y las actividades registradas en el recuadro, utilizando la siguiente estructura, presente también en la ficha: “Yo creo que la foto 1 es *jugar al tenis*”. (8 minutos)

- Después de la corrección del ejercicio, la profesora reparte a los alumnos la primera página del Anexo 34. La profesora lee un mensaje de correo electrónico presente en la ficha, en que

una chica que vive en Grecia intenta integrar un grupo de conversación en español. Terminada la primera lectura, se les pide a dos alumnos para hacer una segunda lectura del texto. Al final, la profesora hace algunas preguntas sobre el correo electrónico, enfatizando las actividades de tiempo libre presentes. Como ejercicio de comprensión, los alumnos completan las frases del ejercicio 1, utilizando formas del verbo *gustar*. Se hace la corrección del ejercicio en la pizarra. (12 minutos)

- Terminada la corrección, la profesora aprovecha las frases del ejercicio anterior y analízalas con los alumnos, más concretamente las formas de los verbos *gustar*, *encantar* e *interesar*, como también las reglas asociadas, haciendo preguntas de modo a que los alumnos identifiquen las reglas a través de las frases, haciendo la profesora el rol de guía, sin olvidar la comparación con el verbo “agradar” en portugués. Después, la profesora presenta a los alumnos las reglas, entregando las páginas 2 y del Anexo 34. Comprendido el uso de los verbos indicados, la profesora presenta a los alumnos los varios grados de intensidad del verbo *gustar*, en un tópico denominado “Termómetro”. Luego, los alumnos realizan los ejercicios de aplicación (página 3 del Anexo 34). Al final, se realiza la corrección en la pizarra. (13 minutos)

- Como forma de practicar los contenidos de la clase, a los alumnos se les pide para preparar, en parejas, un pequeño diálogo, con la ayuda de algunos ejemplos presentes en la primera página del Anexo 35, presentados por la profesora después de repartir la ficha a los alumnos. Los alumnos tienen algún tiempo para preparar la actividad, con el apoyo de la profesora, y, al final, presentan a toda la clase un posible diálogo. Después de cada presentación, la profesora puede hacer algunos comentarios pertinentes, como la corrección de posibles errores o el realce de estructuras utilizadas. (8 minutos)

- Para terminar la clase, a los alumnos se les pide que escriban un mensaje de presentación en una red social, para participar en un grupo de conversación, tal como en el ejemplo analizado en el Anexo 34. Los alumnos redactan su texto en la ficha que la profesora les entrega (página 2 del Anexo 35). Si no hay tiempo para terminar la última actividad, los alumnos la terminan en casa. La corrección se realizará en la clase siguiente con la profesora titular. (13 minutos)

- Para terminar la clase, la profesora pide la colaboración de los alumnos para escribir el sumario y, después, los alumnos se lo copian para su cuaderno. (3 minutos)

#### **f) Recursos**

- ⇒ Pizarra;
- ⇒ Tiza;
- ⇒ Cuaderno individual;
- ⇒ Ordenador;

- ⇒ Proyector de vídeo;
- ⇒ Imágenes y videos sacados de Internet;
- ⇒ Fotocopias (fichas);
- ⇒ Manual adoptado (*¡Ahora Español! 1*, Areal)

### g) Evaluación

Observación directa y continua:

- ⇒ de la comprensión oral;
- ⇒ de la expresión oral;
- ⇒ de la aplicación de conocimientos;
- ⇒ del interés;
- ⇒ del empeño;
- ⇒ del espíritu de iniciativa;
- ⇒ de la autonomía;
- ⇒ del comportamiento.

### REFLEXÃO FINAL

---

Sinto que, em geral, a aula correu bem, muito perto das expectativas, mas com uma longa planificação para noventa minutos. Acho que não consigo planificar poucas atividades para uma aula, com medo de terminar a aula sem materiais/atividades. Mas vou continuar a tentar reduzir o número de atividades por planificação.

A aula foi muito agradável, os alunos têm sido muito simpáticos e com uma energia muito positiva. Sinto que as atividades e os materiais preparados serviram o propósito da aula. Comecei a aula com um *PowerPoint* para discutir gostos e preferências e para atrair a atenção dos alunos. Por esta razão, usei as imagens dos alunos no *PowerPoint*, para que se sentissem incluídos. A verdade é que esta parte da aula foi muito divertida e motivadora.

Relativamente aos materiais, o vídeo de apresentação foi muito positivo, os alunos compreenderam facilmente o seu conteúdo e os alunos puderam conhecer alguns costumes espanhóis, por meio de uma mostra real de língua, e alguns locais importantes em Madrid.

Nesta aula, pareceu-me não ter cometido muitos erros linguísticos, tendo sentido que melhorei no uso da forma verbal da segunda pessoa do plural com os alunos.



## Planificación de clase

Año lectivo de 2013/14



**Alumna en prácticas: Ana Lúcia da Mota Mendes**

Fecha: jueves, 20 de marzo de 2014	Clases nº 71 y 72
Curso /clase: 7º E	Nivel: 1 (elemental - A1)
Nº de alumnos: 20	Período de ejecución: 90 minutos
Libro adoptado: ¡Ahora Español! 1, Areal	Unidad: Vamos de compras
<b>Sumario:</b> Vamos de compras: las tiendas. Explotación didáctica de un PowerPoint sobre la ropa. Simulación de diálogos en una tienda de moda.	

#### a) Temas:

- ⇒ Las tiendas;
- ⇒ La ropa.

#### b) Objetivos generales:

- ⇒ Desarrollar la comprensión, expresión e interacción orales;
- ⇒ Desarrollar la expresión y comprensión escrita;
- ⇒ Aprender y aplicar vocabulario;
- ⇒ Comprender, expresar e interactuar, tanto de forma oral como escrita, con un buen dominio de los recursos lingüísticos;
- ⇒ Hacer uso intencionado de estrategias de comunicación;
- ⇒ Desarrollar hábitos de participación oral organizada.

#### c) Objetivos específicos:

- ⇒ Comprender y extraer información de un vídeo;
- ⇒ Aprender y aplicar vocabulario sobre las tiendas;
- ⇒ Aprender y aplicar el léxico de la ropa;
- ⇒ Aprender y aplicar vocabulario sobre el dinero (monedas, billetes y números);
- ⇒ Identificar y aplicar los verbos *llevar*, *costar* y *valer*;
- ⇒ Aprender y aplicar vocabulario para participar en un diálogo en una tienda, expresándose con claridad, de forma ordenada y adecuada.

#### d) Plan de contenidos y destrezas

Unidad didáctica	Contenido Léxico	Contenido Funcional	Contenido Gramatical	Contenido Sociocultural	Destrezas
<i>Vamos de compras</i>	Las tiendas;  Prendas de vestir;  Los colores;  El dinero;  Los números.	Describir prendas de vestir;  Preguntar/decir el precio;  Participar activamente en una compra (diálogo en una tienda).	Los verbos <i>llevar</i> , <i>costar</i> y <i>valer</i> .	El Euro;  Personalidades españolas y extranjeras.	Comprensión oral y escrita;  Expresión oral y escrita;  Interacción oral.

### e) Metodología

- La profesora empieza la clase saludando a los alumnos. Luego, entrega la tarjeta de identificación de los alumnos (utilizada en clases anteriores). Después, la profesora pide a un alumno que escriba la fecha y el número de la lección en la pizarra. (5 minutos)

- En esta clase se va a empezar el tema “Vamos de compras”, siendo el objetivo final el desarrollo de una actividad de simulación / juego de roles en una tienda de moda.

- Como introducción al tema, los alumnos visionan un pequeño vídeo (Anexo 36 - anuncio de rebajas de *El Corte Inglés*), en el que los alumnos establecen un primer contacto con vocabulario relativo a las tiendas y a las prendas de vestir. De esta forma, se presenta a los alumnos una pequeña muestra real de la lengua, seguida de algunas preguntas de la profesora relativas al vídeo, como: (10 minutos)

*¿Qué nos muestra el vídeo?*

*¿Cuál es el tema del vídeo?*

*¿Qué vocabulario habéis identificado?*

*¿Qué prendas de vestir son mencionadas en el anuncio?*

*¿Cuáles son las tiendas citadas en el anuncio?*

- Se termina la explotación del vídeo con la referencia a las tiendas y la profesora manda a los alumnos a la página 110 del manual, más concretamente al ejercicio 1, en el que se les pide a los alumnos que escriban los nombres de algunas tiendas presentes en una imagen. Se hace la corrección del ejercicio con el registro de las respuestas en la pizarra. (5 minutos)

- Posteriormente, la profesora reparte una ficha a los alumnos (Anexo 37). En el primer ejercicio, los alumnos deben identificar las tiendas en las que se pueden comprar diferentes productos. Terminado el ejercicio, se hace la corrección en la pizarra. (5 minutos)

- La última pregunta direcciona a los alumnos para el campo léxico de las prendas de vestir, sirviendo de puente con el *PowerPoint* sobre la ropa (Anexo 38). En un primer momento, se proyecta el *PowerPoint* y se presentan las prendas de vestir, teniendo como motivación la existencia de rebajas (conexión con el anuncio de *El Corte Inglés* presentado al principio de la clase). Durante la explotación del *PowerPoint*, los alumnos deben abrir el manual en la página 112, dónde se encuentra el vocabulario relativo a la ropa. Los alumnos ven las prendas de vestir en la proyección y deben seleccionar la palabra que identifique la prenda de vestir presentada. Al mismo tiempo, junto a cada fotografía existe un precio, que los alumnos podrán valorar como *caro*, *barato* o *está bien*, *palabras/expresiones* que la profesora registra en la pizarra. (10 minutos)

- Posteriormente, la profesora introduce la actividad “Verdad o Mentira” (Anexo 38). Durante la actividad, a los alumnos les son presentadas varias fotografías de personalidades españolas

e internacionales, ídolos/conocidos de los adolescentes portugueses. En esta actividad, son proyectadas frases asociadas a la ropa de las personalidades, y los alumnos deben identificar la personalidad y decir si las frases son verdaderas o falsas. Siempre que sea falsa, los alumnos hacen la corrección de la frase oralmente. (10 minutos)

- A continuación, los alumnos vuelven a la ficha entregue por la profesora (Anexo 37), con el objetivo de solucionar el ejercicio 2, un ejercicio escrito sobre la ropa, en que se les pide a los alumnos que completen frases con información relativa a una imagen. La profesora proyecta la imagen y registra la corrección en el documento *Word* proyectado. (5 minutos)

- Concluida la corrección del ejercicio, la profesora informa a los alumnos sobre la realización de un juego de roles que se realizará al final de la clase, en el que tendrán que imaginarse en una tienda de moda. Sin embargo, para hacer una compra, es necesario recordar los números y entender la forma de decir el precio en español. Así, la profesora explica a los alumnos como hacerlo con el apoyo de la información presente en la página 2 del Anexo 37. Luego, los alumnos realizan el ejercicio C en la misma página. La profesora registra la corrección en la pizarra. (5 minutos)

- Antes de la simulación final, los alumnos leen un corto diálogo entre una clienta y un vendedor en un mercadillo. La profesora explica el significado de la palabra “mercadillo”. En el diálogo, la profesora destaca la utilización de los verbos *costar*, *valer* y *llevar*, escribiendo en la pizarra algunos ejemplos útiles en una compra. Después, los alumnos hacen el ejercicio E, en el que se les pide que completen las preguntas sobre el precio de un producto, utilizando diferentes formas de los verbos *costar* y *valer*. (10 minutos)

- En este momento, se supone que los alumnos poseen las “herramientas” suficientes para simular un diálogo en una tienda, sin embargo, se les da algún tiempo para que preparen un pequeño diálogo escrito en parejas. La profesora acompaña la elaboración de los diálogos, haciendo las correcciones necesarias. (5 minutos)

- Posteriormente, la profesora prepara una mesa con una caja registradora y algunas prendas de vestir (pequeños carteles en un encerado), sirviendo de escenario para simular una compra en una tienda de moda. La profesora lleva una bolsa con los nombres de los alumnos para que los alumnos participantes sean sorteados en el momento. La profesora saca el nombre de dos alumnos: uno es el vendedor, el otro es el cliente. El vendedor deberá quedarse cerca de la caja registradora y el cliente deberá escoger una o más prendas de vestir, preguntar el precio, evaluar el precio y pagar (con dinero de juguete); el vendedor deberá dar la vuelta al cliente. (17 minutos)

- Al final de la clase, se escribe el sumario con la colaboración de los alumnos. Después, los alumnos lo copian para su cuaderno. (3 minutos)

#### f) Recursos

- ⇒ Pizarra;
- ⇒ Tiza;
- ⇒ Cuaderno individual;
- ⇒ Ordenador;
- ⇒ Proyector de vídeo;
- ⇒ Imágenes y vídeos sacados de Internet;
- ⇒ Fotocopias (fichas);
- ⇒ Manual adoptado (*¡Ahora Español! 1*, Areal).

#### g) Evaluación

Observación directa y continua:

- |                                      |                               |
|--------------------------------------|-------------------------------|
| ↳ de la comprensión oral;            | ↳ del empeño;                 |
| ↳ de la expresión oral;              | ↳ del espíritu de iniciativa; |
| ↳ de la aplicación de conocimientos; | ↳ de la autonomía;            |
| ↳ del interés;                       | ↳ del comportamiento.         |

#### REFLEXÃO FINAL

---

A aula correu muito bem, melhor do que o esperado, e, no final, senti que a forma como as atividades se encontravam interligadas, sempre visando a atividade final, foi um fator importante.

No entanto, acho que a aula não foi perfeita, por exemplo, esqueci-me de dizer aos alunos para abrir o livro durante a realização do exercício no *PowerPoint*. Durante a preparação do *PowerPoint*, tive o cuidado de selecionar imagens apelativas e com personalidades do mundo dos jovens desta idade (12 ou 13 anos), com o objetivo de entrar na imaginação dos alunos com personalidades que não conhecem, mas admiram.

Os alunos apresentaram uma postura correta, apresentando-se muito ativos, organizados, com interesse e vontade de trabalhar. Considero que a simulação final foi muito positiva para os alunos, porque tiveram a oportunidade de aplicar todo o conteúdo desta aula num ambiente que se tentou ser o mais próximo da realidade.





## Planificación de clase

Año lectivo de 2013/14



Alumna en prácticas: Ana Lúcia da Mota Mendes

Fecha: jueves, 22 de mayo de 2014	Clases nº 85 y 86
Curso /clase: 8º E	Nivel: 2 (elemental - A2)
Nº de alumnos: 17	Período de ejecución: 90 minutos
Libro adoptado: <i>Español 2</i> , Porto Editora	Unidad: <i>De viaje</i>
<b>Sumario:</b> Ir de viaje: lugares turísticos en España; lectura y comprensión del texto “Aventuras”. Pedir informaciones y pagar un billete de tren: diálogo en parejas. Explotación didáctica de fragmentos de la película “Diarios de Motocicleta”.	

**a) Temas:**

- ⇒ Los viajes;
- ⇒ Las vacaciones;
- ⇒ Los medios de transporte.

**b) Objetivos generales:**

- ⇒ Desarrollar la competencia cultural de la lengua española;
- ⇒ Desarrollar la comprensión, expresión e interacción orales;
- ⇒ Desarrollar la expresión y comprensión escrita;
- ⇒ Aprender y aplicar vocabulario;
- ⇒ Utilizar correctamente los recursos lingüísticos disponibles en situaciones de comunicación;
- ⇒ Desarrollar hábitos de participación oral organizada.

**c) Objetivos específicos:**

- ⇒ Observar y hablar de imágenes presentes en un *PowerPoint*;
- ⇒ Comprender y extraer información específica de un texto;
- ⇒ Conocer y utilizar vocabulario sobre los medios de transporte;
- ⇒ Aprender y aplicar léxico para hablar sobre viajes;
- ⇒ Comprender y aplicar expresiones para pedir informaciones y/o pedir/sacar un billete;
- ⇒ Comprender y extraer información de un vídeo;
- ⇒ Participar en conversaciones, expresándose con claridad, intercambiando ideas y opiniones de forma ordenada y adecuada.

#### d) Plan de contenidos y destrezas

Unidad didáctica	Contenido Léxico	Contenido Funcional	Contenido Gramatical	Contenido Sociocultural	Destrezas
<i>De viaje</i>	Los medios de transporte; Lugares y monumentos.	Comentar destinos turísticos;  Pedir informaciones;  Pedir/pagar un billete de tren;  Hablar de acciones pasadas.	Preposiciones utilizadas para hablar de medios de transporte.	Destinos turísticos en España; Países hispanohablantes;  Conocer al Che Guevara.	Comprensión oral y escrita; Expresión oral y escrita;  Interacción oral.

#### e) Metodología

- La profesora empieza la clase presentando y saludando a los alumnos. Luego, se les entrega una tarjeta de identificación (cedidas por la colega Liliana Cruz). Después, la profesora pide a un alumno que escriba la fecha y el número de la lección en la pizarra. (5 minutos)
- En esta clase se va a empezar la unidad “De viaje”, siendo el objetivo aprender vocabulario y desarrollar la competencia comunicativa relativa a los viajes y vacaciones, sin olvidar el desarrollo de la competencia cultural de los alumnos en relación al turismo en los países hispanohablantes.
- En primer lugar, la profesora recuerda a los alumnos que las clases están casi terminando y pregunta a los alumnos qué les gusta hacer durante las vacaciones. Después de las respuestas de los alumnos, se empieza la proyección de un *PowerPoint* (Anexo 39), donde los alumnos tendrán la oportunidad de conocer algunos lugares y monumentos muy conocidos en España, seleccionados aleatoriamente, y que reciben miles de turistas durante todo el año. La profesora indica que luego se realizará un juego de memoria, pidiendo a los alumnos que observen con mucha atención las imágenes y la indicación geográfica. Después de visionado el *PowerPoint*, empieza el juego de memoria (constante en el mismo *PowerPoint*): los alumnos ven una fotografía e intentan recordar la ciudad correspondiente. (10 minutos)

- El juego de memoria termina intencionalmente con una fotografía de la Isla Mágica, ya que es uno de los lugares en España que más llama la atención de los jóvenes portugueses, por su cercanía y por la diversión. Luego, la profesora hace algunas preguntas a los alumnos: (3 minutos)

*¿Alguna vez habéis visitado un país extranjero?*

*¿Cuál fue el medio de transporte utilizado?*

*¿Tenéis un pasaporte?*

*¿Qué países os gustaría visitar en vacaciones futuras?*

- Posteriormente, la profesora informa a los alumnos que van a conocer tres personas que han viajado por varias partes del mundo y que nos han contado un poco de sus viajes. En este momento, se entrega a los alumnos el Anexo 40. La profesora les pregunta a los alumnos: “¿Qué os sugieren las imágenes que están al lado de los textos?”. Después, se les pide a los alumnos que lean los tres textos buscando las siguientes informaciones: nombre de los viajeros y lugar que han visitado. Terminada la lectura silenciosa, la profesora lee la primera parte del primer texto y le pide a un alumno que lea la segunda parte. Después, hace algunas preguntas sobre el texto, destacando el vocabulario relacionado con los viajes y con las vacaciones, como “guía”, “ruta”, “experiencia”, “magia” y “misterio”. Terminada la explotación del primer texto, sigue la lectura compartida entre profesora y alumnos de los dos textos siguientes y se destaca el vocabulario de los viajes y vacaciones. En el segundo texto, se destacarán las palabras/expresiones “tranquilo”, “aeropuerto”, “línea de autobuses”, “hotel” y “taxi”. En el tercer texto, se enfatizarán las palabras/expresiones “mochila”, “ciudades”, “autobuses” y “reencuentros”. (12 minutos)

- Terminada la explotación inicial de los textos, a los alumnos se le pide que realicen los ejercicios A, B y C de la ficha. La profesora explica que, en el ejercicio A, los alumnos deben registrar dónde han estado las tres personas, los transportes utilizados y los acontecimientos que recuerdan; en el ejercicio B, deben citar otros medios de transporte que no fueron citados en el ejercicio anterior. En este momento, los alumnos recuerdan, con el apoyo del PowerPoint (Anexo 41), las preposiciones utilizadas para hablar de transportes. En el ejercicio C, deben contestar a las preguntas de una forma muy sucinta y directa, solamente con la información esencial. Al final, se hace la corrección con el PowerPoint (Anexo 41). (14 minutos)

- A continuación, los alumnos conocen a otra viajera, Jimena, y escuchan una grabación audio (Anexo 42), con el objetivo de contestar a algunas preguntas presentes en la ficha (ejercicio D). Con esta actividad, se hace una introducción a como pedir informaciones y pedir/pagar un billete. Los alumnos escuchan el audio y contestan a las preguntas. Al final, se hará la corrección en la pizarra. (5 minutos)

- Luego, en la página 3 de la ficha, los alumnos encuentran información sobre cómo pedir informaciones y sobre cómo pedir y/o pagar un billete. La profesora hace la explotación de las frases-modelo dadas al final de la página y explica a los alumnos la actividad siguiente (ejercicio E): deben observar el horario de los trenes y escribir un diálogo pidiendo las informaciones necesarias para llegar a un destino escogido. La actividad se realiza en parejas y se leen los diálogos de los alumnos al final. (20 minutos)
- Al final, la profesora les indica a los alumnos que van a continuar viajando en esta clase, ahora por Sudamérica. Empieza la proyección de un *PowerPoint* (Anexo 43). En este momento, los alumnos tendrán la oportunidad de (re)conocer las banderas y situación geográfica de algunos países hispanohablantes, que serán citados en los fragmentos de la película “Diarios de Motocicleta”. Los alumnos intentan adivinar el país mirando la bandera y las imágenes. (3 minutos)
- La exposición en *PowerPoint* termina con la presentación de paisajes argentinos, país de Che Guevara, personalidad retratada en la película “Diarios de Motocicleta”. En este momento, la profesora pregunta a los alumnos si conocen a Che Guevara y se averigua lo que los alumnos saben sobre su vida y se explica su importancia. Se reparte una nueva ficha a los alumnos (Anexo 46), se explica el primer ejercicio y los alumnos visionan una primera parte de la película (Anexo 45). Durante un segundo visionado, los alumnos completan las frases con información del vídeo (ejercicio B). Después de la corrección, los alumnos visionan una segunda parte de la película (Anexo 46) y hacen el ejercicio C, terminando la clase con la corrección de este último ejercicio. (20 minutos)
- Al final de la clase, se escribe el sumario con la colaboración de los alumnos. Después, los alumnos lo copian para su cuaderno. (5 minutos)

#### f) Recursos

- |                        |  |
|------------------------|--|
| ⇒ Pizarra;             | ⇒ Imágenes y vídeos sacados de Internet;               |
| ⇒ Tiza;                | ⇒ Fotocopias (fichas);                                 |
| ⇒ Cuaderno individual; | ⇒ Manual adoptado ( <i>Español 2</i> , Porto Editora). |
| ⇒ Ordenador;           |  |
| ⇒ Proyector de vídeo;  |  |

#### g) Evaluación

Observación directa y continua:

- |                                      |                               |
|--------------------------------------|-------------------------------|
| ↳ de la comprensión oral;            | ↳ del empeño;                 |
| ↳ de la expresión oral;              | ↳ del espíritu de iniciativa; |
| ↳ de la aplicación de conocimientos; | ↳ de la autonomía;            |
| ↳ del interés;                       | ↳ del comportamiento.         |

## **REFLEXÃO FINAL**

---

Foi a última aula e correu bem, mas eu gostaria que tivesse corrido melhor, especialmente por essa razão, por ter sido a última aula.

Tentei planificar uma aula diferente da aula anterior assistida pelo supervisor, com diferentes estratégias. Tratava-se do início de uma unidade, o objetivo era apresentar aos alunos alguns conteúdos culturais, bem como dar-lhes algumas ferramentas para usar em situações de conversação. Inicialmente, estabeleci atividade de expressão escrita porque considero importante que os alunos reflitam sobre as estruturas a utilizar, uma vez que escrever pode permitir um desenvolvimento mais consistente dessas estruturas. Numa fase posterior, os alunos poderão partir para atividades de simulação.

O primeiro *PowerPoint* foi elaborado com a preocupação principal de atrair a atenção dos alunos, já que foi a primeira aula com esta turma. Durante a realização desta atividade, os alunos surpreenderam com o conhecimento apresentado sobre locais e símbolos de Espanha. Apesar de se tratar do primeiro contacto com estes alunos, senti-me muito bem a trabalhar com eles, por seu lado, os alunos participaram de forma muito positiva, seguindo rigorosamente as minhas instruções.

Não foi fácil encontrar um texto interessante sobre o tema e acho que o pequeno texto que selecionei não se revelou o melhor, principalmente devido à presença do termo “América del Sur”, quando deveria ser “Sudamérica”. No entanto, as atividades do texto foram produtivas, com vocabulário variado sobre o tema da aula. Por outro lado, foram úteis para a introdução de conteúdos, incluindo os meios de transporte.

Tentei criar uma aula com um começo, meio e fim, mas, com mais tempo, teria tido a oportunidade de dar aos alunos novos instrumentos a fim de simularem uma situação real, com um horário dos comboios real, no entanto, este tipo de atividade foi planificada na última assistida pelo supervisor, tendo tentado fazer algo diferente. Por essa razão, e como nunca tinha trabalhado um filme nas aulas assistidas, pareceu-me interessante apresentar aos alunos uma personalidade com alguma importância no mundo hispânico, num filme que retrata a viagem de Che Guevara pela América do Sul.

## **1.4 Reflexão global sobre o estágio**

Apesar de ter alguma experiência no ensino, foram muitos os receios e dúvidas sobre o melhor método de lecionar, logo, a Prática de Ensino Supervisionado foi uma experiência muito gratificante e que me ajudou a perceber que não há respostas únicas e definitivas, que ser professor é uma aprendizagem constante ao longo da vida, que se fizesse dez estágios iria sempre continuar a aprender. Claro que há fatores fundamentais para que a aprendizagem seja uma realidade, destacando aqui o papel da Orientadora da escola, na pessoa da Dra. Marta Fidalgo. A sua competência enquanto profissional foi peça fundamental para chegar a este ponto e sentir que aprendi muito, que evolui, que todo o esforço valeu a pena, pelo que só posso agradecer os seus ensinamentos e o apoio incansável, tanto a mim como à minha colega estagiária.

Durante a prática letiva, considero ter tido uma verdadeira oportunidade de aprofundar competências, tanto a nível do saber científico, como a nível do saber-fazer e do saber-estar. Como base de trabalho, foi sempre tida em consideração a planificação de cada nível de ensino na disciplina de Espanhol, havendo a preocupação de ajustar cada aula ao grupo em questão, tentando planificar atividades com uma sequência lógica e motivadora, revelando-se as aulas um laboratório de ensaio, pois apenas no final tinha a confirmação do sucesso ou não das atividades planificadas. Por este motivo, foram de extrema importância todas as sessões coletivas de avaliação das aulas assistidas, tanto minhas como da minha colega de estágio, uma vez que podemos aprender muito com os nossos erros e com os nossos sucessos, mas também com os erros e sucessos de quem connosco trabalha. Sinto que houve sempre um verdadeiro espírito de equipa, de entreajuda entre mim e a Liliana, reforçado por muitos anos de convivência e por muitas experiências vividas em comum, quer a nível profissional, académico como também pessoal.

Relativamente ao meu desempenho na área científica, noto uma evolução muito positiva no domínio da língua espanhola, algo que não terá acontecido de um dia para o outro, mas que foi acontecendo progressivamente e com muito trabalho. Esta evolução poderá não se ter refletido na última aula assistida pelo supervisor, mas claro que nem todas as aulas correm da mesma forma, e considero que os desafios, neste caso linguísticos, foram bem-sucedidos na maioria das vezes. Uma das dificuldades que tentei combater ao longo de todo este ano letivo terá sido a utilização da forma verbal de “ustedes”, algo que acontece principalmente devido às experiências profissionais que tenho tido ao dar formação a adultos, havendo um contacto com jovens apenas nas aulas assistidas. De qualquer forma, de um modo geral, sinto que progredi bastante no domínio da língua espanhola à medida que o tempo foi passando, com muito trabalho, com muita preparação antes das aulas e com a prática na sala de aula, tendo

recorrido com frequência à autocorreção e desenvolvido uma maior consciência relativamente à componente linguística.

A nível de conhecimentos socioculturais, tentei levar para as aulas de Espanhol assuntos interessantes e pertinentes para serem trabalhados em sala de aula, colocando os alunos, sempre que possível, perante realidades próprias dos falantes hispânicos, quer através de mostras reais de língua, quer através da apresentação de lugares e de aspetos culturais. Espero, por isso, ter contribuído para uma consciencialização sociocultural dos alunos, para o qual também contribuíram as atividades extracurriculares promovidas pelo núcleo de estágio (tema já desenvolvido).

No que diz respeito ao saber-fazer, penso que aprendi muito durante as práticas letivas supervisionadas. Apesar de se tratar de um segundo estágio em ensino de uma língua estrangeira, sinto que aprendi imenso, considerando que desenvolvi o domínio prático de técnicas e conhecimentos didáticos elementares. Tanto as minhas aulas, como as aulas assistidas à colega estagiária, contribuíram positivamente para a minha aprendizagem. Ao nível da preparação das aulas, tentei utilizar estratégias variadas, tendo tido sempre a colaboração fundamental e imprescindível da Orientadora, que, através da sua experiência e conhecimentos, me ajudou a progredir durante o estágio.

Relativamente ao contacto com os alunos, tentei envolver toda a turma nas atividades das aulas, tentei rentabilizar as suas participações e tentei acompanhar o seu ritmo. Quanto à minha postura na aula, considero que oscilei entre uma postura mais séria e uma postura mais descontraída, dependendo também do tipo de atividade a desenvolver nas aulas, mas tendo tentado dosear os momentos sérios com os momentos mais descontraídos. Com o tempo, julgo termos estabelecido uma relação agradável com uma turma em especial (7ºE), uma vez que foi a turma com a qual tivemos um contacto mais frequente.

No que diz respeito ao saber-estar, considero que me empenhei ao máximo, que tentei sempre dar o meu melhor, associado a um sentido de responsabilidade sempre presente, sendo essa a minha postura habitual quando me decido dedicar a algo. Senti algumas dificuldades em conciliar o estágio com a vida profissional e pessoal, assumindo que, maioritariamente, a vida pessoal ficou para trás. No que às sessões coletivas de trabalho do núcleo de estágio diz respeito, sempre as encarei como sendo fundamentais, pelo que tentei encarar as críticas construtivas e conselhos, tanto da Orientadora como da colega estagiária, como muito importantes para o meu crescimento profissional (e pessoal), tentando seguir os seus conselhos. Considero que tudo o que aprendi sobre a prática do ensino neste estágio será para a vida, tendo contribuído para o meu crescimento a todos os níveis.



## **Considerações finais**

O papel do professor de Português e de Espanhol será o de estimular o gosto pela leitura, motivando os alunos para a produção de leituras críticas e fundamentadas, cada vez menos orientadas pelo docente. Mas, se ensinar a ler é possível, ensinar a gostar de ler é algo mais complicado. É, em rigor, quase impossível. A experiência da leitura não se ensina. Vive-se. Qual, então, o papel do professor, numa época de profunda desvalorização do código escrito, das novas tecnologias e do deslumbramento que estas produzem? Como professores, deveremos criar as condições necessárias para que, na sala de aula, se proporcionem ocasiões de encontro entre o texto e o aluno. O professor deverá ser, antes de mais, o primeiro leitor crítico existente na sala, aquele que se arrisca a emitir juízos de valor acerca de textos lidos. Terá como objetivo cativar, comunicar uma atitude, a habilidade de ler, despertando capacidades latentes no espírito dos seus alunos, como a inteligência, a sensibilidade literária, o espírito crítico, anulando a altivez do mundo material e impondo, no seu lugar, a supremacia da beleza literária. Articulando a sua experiência de leitura com a do aluno, o docente terá o papel fundamental de despertar no jovem o prazer de ler, contagiando-o com a «febre da leitura».

A importância da leitura e da literacia, bem como a relação entre a literatura e o ensino, são as bases deste relatório, tendo sido também apresentadas atividades didáticas para a exploração de *O Cavaleiro da Dinamarca*, de Sophia de Mello Breyner Andresen. O objetivo principal foi o de apresentar diferentes alternativas para estudar uma obra literária em sala de aula, com objetivos cognitivos, e não apenas pedagógicos, atribuindo a devida importância aos interesses do leitor e ao próprio processo de leitura como desencadeador de uma postura reflexiva perante a realidade. A leitura do texto literário foi aqui entendida como um instrumento possibilitador de mais conhecimentos, capaz de levar os alunos a interagir no mundo de modo criativo e transformador. Logo, é através do texto literário, pelo seu caráter de ficção, que o leitor pode viver experiências irrealizáveis no mundo real e apenas possíveis na imaginação.

Por outro lado, é através do texto literário que os docentes direcionam os seus alunos para a interiorização de estruturas linguísticas complexas, quer na língua materna, quer numa língua estrangeira. E é através do texto literário que os jovens desenvolvem as estruturas de pensamento. Tendo todas estas características em consideração, a literatura juvenil deve ter um papel de relevo na escola, pelo seu contributo indubitável para a formação de leitores competentes, leitores para a vida.

Por outro lado, é nosso entendimento que, no âmbito de ensino do Português e Espanhol, devem ser selecionados textos que permitam o enriquecimento entre as duas culturas, e, embora salvaguardando especificidades e particularidades de cada uma delas, acreditamos

que podem contribuir para a aceitação das diferenças, desenvolvendo-se em simultâneo a competência sociocultural. Assim sendo, neste relatório tentei refletir sobre realidades diferentes onde a língua e a cultura se interligam entre dinâmicas dialogantes, formando verdadeiros cidadãos.

Enquanto professora de Português e de Espanhol, é possível verificar que a literatura permite a aquisição de várias competências, que vão para além das linguísticas, desde que seja apresentada de forma estimulante e contextualizada por meio da cultura, tendo assim todos os ingredientes para conquistar os alunos e levá-los à aquisição dessas mesmas competências, mais concretamente à aquisição da língua enquanto instrumento comunicativo no caso do ensino do Espanhol. Deve-se, por isso, rejeitar o ensino de língua estrangeira como sendo apenas um conjunto de regras e de palavras, completamente desvinculado da componente sociocultural, considerando que o ensino deve ser pensado para o uso da língua em contexto real, numa dimensão social e cultural, para o qual a literatura adquire uma importância extrema.

Enquanto aluna estagiária, tentei apresentar possíveis estratégias, tendo refletido sobre a viabilidade das mesmas. Na verdade, enquanto professores parecemos cientistas, uma vez que ensaiamos estratégias que poderão resultar com uma turma e não resultar com outra. Ser professor exige isso mesmo, a capacidade de adaptação ao seu público, pois cada criança tem características próprias e cada jovem reage de forma diferente ao que lhe é proposto na sala de aula. Cabe-nos a nós, pedagogos, selecionar estratégias que se adequem aos jovens com quem estamos a trabalhar, promovendo um ensino que resulte agradável, estimulante, de qualidade, e direcionado para cada um dos nossos jovens. Será esta uma visão utópica? Cada vez mais! O importante é ter em mente que o que se deve buscar é o gosto pela leitura, não meramente o hábito de ler.

O texto literário guarda em si todos os mundos, resta-nos a nós impedir que os alunos se percam nele, e sim levá-los a que se encontrem no texto literário.

## **Bibliografia / Webgrafia**

## **Bibliografia**

- Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova, “Projeto Educativo 2011-2015”, 2012.
- ALBUQUERQUE, Fátima, *A hora do conto. Reflexões sobre a arte de contar histórias na escola*, Lisboa, 2000.
- ALARCÃO, M<sup>a</sup> de Lourdes, *Motivar para a Leitura: estratégias de abordagem do texto narrativo*, Texto Editora, 1995.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, *O Cavaleiro da Dinamarca*, Figueirinhas, 2004.
- AMADO, Irene; Sardinha, Maria da Graça, “Ler, um ato com sentido... Reflexões sobre a importância da leitura em sala de aula”, in Azevedo, F., Sardinha, M. G., *Didática e Práticas - A Língua e a Educação Literária*, Opera Omnia, 2013.
- AZEVEDO, Fernando, “Educar para a literacia: perspectivas e desafios”, VII Encontro de Educação: Numeracia e Literacia em Educação - Escola Superior de Educação Jean Piaget, Campus Universitário de Alameda - 17 e 18 de Junho, 2011.
- AZEVEDO, F., MESQUITA, A., SILVA, S. R., *Globalização na Literatura Infantil, Vozes, rostos e imagens*, Lulu Entreprises, Raleigh, N.C., EUA, 2011.
- BALÇA, Â., “Educação Literária: a Voz da Literatura nas Narrativas Publicitárias”, in AZEVEDO, F., MESQUITA, A., SILVA, S. R., *Globalização na Literatura Infantil, Vozes, rostos e imagens*, Lulu Entreprises, Raleigh, N.C., EUA, 2011.
- BAMBERGER, Richard, *Como incentivar o hábito da Leitura*, Ática, 1988.
- COSTA, António Firmino da (coord.), *Avaliação Do Plano Nacional De Leitura: Os Primeiros Cinco Anos*, CIES - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, 2011.
- FERREIRA, Virgílio, *Escrever*, Edição de Hélder Godinho, Bertrand Editora, 2001.
- GAMA, Sebastião da, *Diário*, Edições África, Lisboa, 6<sup>o</sup> Edição, 1980.
- GEORGE, MariAnne; RAPHAEL, Taffy E.; FLORIO-RUANE, Susa,. “Connecting Children, Culture, Curriculum, and Text”, in GARCIA, G. G. (Ed.), *English Learners*, Newark, DE: International Reading Association, 2003.
- GÓES, Laura, *Livro de leitura Aprender brincando*, São Paulo: Quinteto editorial, 1990.

- GOMES, Pedro Rafael Neto; Pais, António Pereira; Sardinha, Maria da Graça, “Para além das Bibliotecas Escolares: as Tecnologias de Informação na promoção da Literatura Infantil”, in AZEVEDO, F., MESQUITA, A., SILVA, S. R., *Globalização na Literatura Infantil, Vozes, rostos e imagens*, Lulu Entreprises, Raleigh, N.C., EUA, 2011.
- MANGUEL, Alberto, *Uma História de Leitura*, Editorial Presença, 2ª Edição, Lisboa, Maio, 1999.
- MASTROCOLA, Paola, *Eu até sei voar - Romance do quotidiano de uma Professora*, Editorial Presença, 1ª Edição, Lisboa, 2001.
- Ministério da Educação, *Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*, 2012.
- Ministério da Educação, *Programa de Espanhol Língua Estrangeira - 3.º Ciclo do Ensino Básico*, 1997.
- MIQUEL, L., SANS, N., “El componente cultural: un ingrediente más de las clases de lengua”, in *Cable 9*, 1992.
- MORAIS, José, *A Arte de Ler, Psicologia Cognitiva da Leitura*, Edições Cosmos, Lisboa, 1997.
- PENNAC, Daniel, *Como um romance*, Porto, Edições Asa, 1993.
- Popper, Karl: *Em busca de um mundo melhor*, Lisboa: Editorial Fragmentos, 1992.
- SABINO, Maria Manuela do Carmo de, “Importância educacional da leitura e estratégias para a sua promoção”, *Revista Iberoamericana de Educación*, n.º 45/5, 2008.
- SIMÕES, R., AZEVEDO, F., “A contar é que a gente de se entende”, Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, Centro de Investigação em Educação, 2005.
- ZILBERMAN, Regina, *Fim do livro, fim dos leitores?*, Editora Senac, 2000.

## Webgrafia

- COUTO, Rosa Maria Soares, “O CAVALEIRO DA DINAMARCA, de Sophia De Mello Breyner - Uma proposta didáctica para o Ensino Básico”, 2001.  
In [http://www4.crb.ucp.pt/biblioteca/mathesis/mat10/mathesis10\\_287.pdf](http://www4.crb.ucp.pt/biblioteca/mathesis/mat10/mathesis10_287.pdf) (consulta em 29 de setembro de 2013)
- DALTON, B., Grisham, D.L. “Introduction to a Themed Issue on Struggling Readers”, 200.  
In [http://www.readingonline.org/editorial/edit\\_index.asp?HREF=/editorial/november2001/index.html](http://www.readingonline.org/editorial/edit_index.asp?HREF=/editorial/november2001/index.html) (consulta em 1 de maio de 2014)

- FONSECA, Paulo, *O Cavaleiro da Dinamarca, Síntese*.  
In <http://www.slideshare.net/paulo1966/o-cavaleiro-dinamarca-sntese> (consulta em 2 de março de 2014)
  
- LOPES, João Ricardo, “Guião de Leitura - *O Cavaleiro da Dinamarca*, de Sophia de Mello Breyner Andresen”, Ano letivo 2010/2011.  
In <http://www.aevisoporto.pt/BECRE/Documentos/GUIAO%20leitura%20cavaleiro%20dinamarca.pdf> (consulta em 01/19/2013)
  
- *Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas - Aprendizagem, ensino, avaliação*, tradução de M<sup>a</sup> Joana Pimentel do Rosário e Nuno Verdial Soares, Edições Asa, 2001.  
In <http://www.dgicd.min-edu.pt/ensinobasico/index.php?s=directorio&pid=88> (consulta em 10 de março de 2014)
  
- RÉGIO, José, “Cântico Negro”, in *Poemas de Deus e do Diabo*, 1925.  
In <http://www.citador.pt/poemas/cantico-negro-jose-regio> (consulta em 29 de maio de 2014)
  
- SARDINHA, Maria da Graça, “Literacia em leitura - identidade e construção da cidadania”.  
in <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/510/pdf> (consulta em 04 de junho de 2014)
  
- SAAVEDRA, Miguel de Cervantes, *Dom Quixote de La Mancha - Segunda Parte*, 1615/2005.  
In <http://livros.universia.com.br/2012/06/05/baixe-gratis-o-livro-dom-quixote-volume-ii/> (consulta em 5 de maio de 2013)
  
- SAAVEDRA, Miguel de Cervantes, *El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha, Parte I*, 1605,  
in <http://ebookbrowse.net/gdoc.php?id=255764521&url=b80dbf5c156bb171fa11b57e57705a21> (consulta em 30 de setembro de 2013)
  
- SANTOS, Maria de Lourdes dos (coord.), *A Leitura em Portugal*, do Plano Nacional de Leitura, 2007.  
In [http://www.oac.pt/pdfs/OAC\\_A%20Leitura%20em%20Portugal.pdf](http://www.oac.pt/pdfs/OAC_A%20Leitura%20em%20Portugal.pdf) (consulta em 28 de fevereiro de 2014)
  
- WILLIAMS, Bronwyn T., “A Puzzle To the Rest of Us”: Who Is a “Reader” Anyway?  
In [http://www.readingonline.org/newliteracies/lit\\_index.asp?HREF=/newliteracies/jaal/5-04\\_column\\_lit/](http://www.readingonline.org/newliteracies/lit_index.asp?HREF=/newliteracies/jaal/5-04_column_lit/) (consulta em 9 de maio de 2014)

## **Anexos**